



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

HELANE DE FÁTIMA FERNANDES MELO

**IDEOFONES: UM ESTUDO NO FALAR
PARAENSE**

BELÉM

2007



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

HELANE DE FÁTIMA FERNANDES MELO

IDEOFONES: UM ESTUDO NO FALAR PARAENSE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Pará, sob como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Professora Dr. Regina Célia Fernandes Cruz,

BELÉM

2007

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca Central/ UFPA, Belém-PA

Melo, Helane de Fátima Fernandes

Ideofones:um estudo no falar paraense / Helane de Fátima
Fernandes Melo; orientadora ,Regina Célia Fernandes Cruz.---- 2008.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto
de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém,
2008.

1. Língua portuguesa – Pará. 2. Língua portuguesa – Pará- Fonologia.
- 3 . Língua portuguesa –Pará - Semântica. I. Título

CDD-20.ed.469.798115

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS VERNÁCULAS
CURSO DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

Helane de Fátima Fernandes melo

IDEOFONES: UM ESTUDO NO FALAR PARAENSE

Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção
do grau de Mestre em Letras.

Data da defesa: ____/____/07

Conceito: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Regina Célia Fernandes Cruz / UFPA
(Orientador)

Membro

Membro

Membro

“A VIVID REPRESENTATION OF AN IDEA IN SOUND.”

DOKE (1935:118)

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a vida para finalizar mais uma etapa da minha vida. Agradeço também a meus familiares, a meu marido Odimar Melo pela paciência, e a todos que direta e indiretamente colaboraram para a conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
RESUMO	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I RELEVÂNCIA CIENTÍFICA	15
1.1 SIMBOLISMO SONORO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	16
1.2 SIMBOLISMO SONORO, IDEOFONES E ICONICIDADE	22
1.2.1 SIMBOLISMO SONORO	22
1.2.2 IDEOFONES	23
1.2.2.1 IDEOFONES EM WESCOTT (1975)	25
1.2.2.2 IDEOFONES EM SAMARIN (1991)	30
1.2.2.3 IDEOFONES EM LEE (1992)	32
1.2.2.4 IDEOFONES EM CHILD (1994)	35
1.2.2.5 IDEOFONES EM CRUZ (1994, 1996, 2000)	39
1.2.3 ICONICIDADE	44
CAPÍTULO II METODOLOGIA	48
2.1 ESCOPO DO TRABALHO	48
2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
2.2.1 <i>CONTINUUN</i> TIPOLÓGICO	51
2.2.2 TESTE DE PERCEPÇÃO E SUA APLICAÇÃO	64
CAPÍTULO III ANÁLISE DOS DADOS	72
3. ANÁLISE DOS DADOS	72
3.1 CATEGORIA SENSORIAL	73
3.2 FORMAÇÃO	80
3.3 MAIS DE UMA “COMUNIDADE DE FALA”	81
3.4 FUNÇÕES	86
3.5 ALGUMAS CONCLUSÕES	88
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS	94

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Organograma retirado do projeto “Vozes da Amazônia: <i>corpus</i> oral e fala espontânea	13
Figura 2 – Teste em elaboração	66
Figura 3 – Janela de dados	70
Figura 4 – Janela do Teste de Percepção	71
Esquema 1	16
Gráfico 1 – categoria sensorial mais representada	79
Gráfico 2 – recursos mais produtivos na estrutura de ideofones no falar paraense	80
Gráfico 3 – categorias gramaticais mais representadas	87
Questionário 1 – Dados pessoais	69
Questionário 2 - Perguntas e respostas do teste de percepção	70
Escala 1	24
Escala 2	52
Tabela 1 - Construções Ideofônicas do Português Afro-brasileiro (ABP)	18
Tabela 2 - Tabela das formas encontradas em línguas indígenas	20
Tabela 3 – Ideofones da língua Bini	28
Tabela 4 – Exemplos de ideofones sensoriais em Bini e no Inglês	29
Tabela 5 – Ideofones em Kisi (língua africana)	37
Tabela 6 - Afro-Brazilian Portuguese ideophones	42
Tabela 7 – Exemplos de reduplicação em ideofones do Português brasileiro	45
Tabela 8 – Exemplos de ideofones a partir de onomatopéias	46
Tabela 9 – Alongamento e reduplicação icônica em ideofones	47
Tabela 10 – Dados que expressam movimento/locomução	73
Tabela 11 – Dados associados à categoria sensorial visual	76
Tabela 12 - Dados associados à categoria sensorial auditiva	77
Tabela 13 - Dados associados à categoria sensorial emotiva	78
Tabela 14 - Distribuição do número de sujeitos que participaram do teste	82
Tabela 15 – Dados selecionados para o teste de percepção	83
Tabela 16 – Alguns resultados do Teste de Percepção	85
Tabela 17 – Exemplos de categorias gramaticais representadas	87
Lista 1 – Lista geral de dados para análise	53

RESUMO

O estudo aqui empreendido sobre o **Simbolismo sonoro no Português Brasileiro** foi um desafio. Principalmente, pelas poucas referências sobre o assunto na língua portuguesa. Tal processo ainda não foi estudado, com particular inclinação no Português brasileiro, mas, entre poucos, alguns estudos existentes podem ser encontrados em outras línguas, como: bengali (DIMOCK, 1957), Bini (WESCOTT, 1973), coreano (LEE, 1992), na variedade do inglês falado em Singapura (LIM, 1998) e japonês (TAKEMOTO 1998). O atual estudo propõe-se a verificar a presença de ideofones no Português brasileiro, a partir de dados do falar paraense. Porém, se faz necessário um estudo amplo e integrado que contemple uma descrição do processo no falar de todas as regiões brasileiras.

Palavras-chave: ideofones, simbolismo sonoro, Português brasileiro.

INTRODUÇÃO

O estudo aqui empreendido sobre o **Simbolismo sonoro no Português Brasileiro** foi um desafio. Principalmente, pelas poucas referências sobre o assunto na língua portuguesa. Tal processo ainda não foi estudado, com particular inclinação no Português brasileiro, mas, entre poucos, alguns estudos existentes podem ser encontrados em outras línguas, como: bengali (DIMOCK, 1957), Bini (WESCOTT, 1973), coreano (LEE, 1992), na variedade do inglês falado em Singapura (LIM, 1998) e japonês (TAKEMOTO 1998). O atual estudo propõe-se a verificar a presença de ideofônes no Português brasileiro, a partir de dados do falar paraense. Porém, se faz necessário um estudo amplo e integrado que contemple uma descrição do processo no falar de todas as regiões brasileiras.

Como já foi dito, o Simbolismo Sonoro é algo pouco estudado, mesmo sendo recorrente em várias línguas do mundo, principalmente em situação de fala espontânea. A exemplo, o *corpus* deste trabalho, que compreende relatos de falantes nativos do português falado no Pará, que utilizam junto aos recursos lingüísticos, elementos paralingüísticos e expressões ideofônicas no momento de “contação” de alguns fatos.

Essas expressões ideofônicas são importantes para a caracterização da identidade das formas do ‘falar’ e do ‘contar’ típica da região amazônica; falar que, por sua vez, é atualmente objeto de estudo de muitos pesquisadores, entre eles: SIMÕES; GOLDER (1995), GONÇALVES (2003), CRUZ (2000), BARTENS (2000), LEÃO (1998), PALÁCIO (1984), CASSIQUE (1995), CAMPOS; OLIVEIRA (1998).

Por isso, tais expressões não podem deixar de ser investigadas em estudos que buscam cooperar para a descrição e caracterização do ‘falar’ Paraense, colaborando, assim, para revelar a sua identidade.

A presença de expressões ideofônicas na interação oral, mais freqüente na situação de comunicação *informal*, pode levar à inferência que ela revela, em alguns casos, o fato do falante não se sentir satisfeito com os recursos mais prosaicos de sua língua e, por isso, busca outros para atender a sua necessidade comunicacional. Para tanto, o falante utiliza com “naturalidade” determinadas expressões, criando uma relação icônica entre aquilo que ele pretende dizer e o dito.

Essa relação icônica, aliás, um caracterizador dos ideofones, será abordada a partir da proposta de um *continuum*, que distribui as expressões da língua de um ponto - o mais icônico, a outro - o menos icônico. Dentro desse *continuum*, buscar-se-á situar expressões, aqui estudadas, a partir da observação do seu comportamento no português paraense.

O outro motivo pelo qual o presente trabalho tornou-se um desafio foi, o fato de ser um estudo que necessita de um *corpus* baseado na fala, uma vez que o “fenômeno” abordado aqui se realiza quase que exclusivamente na fala. Formar um *corpus* exclusivamente para este estudo levaria mais que o tempo disponível para a conclusão deste. Para conduzi-lo, a tempo, contou-se com *corpora* disponíveis por projetos de pesquisa permanentes que desenvolvem estudos sobre o português paraense. Mesmo obtendo um bom *corpus* já formado, um bom tempo foi dedicado à escuta atenciosa de gravações, para identificação de dados que revelassem o “fenômeno” em questão. Somoram-se a esse *corpus*, anotações de realizações de expressões, em situação de interação oral, que se caracterizavam inicialmente como ideofones.

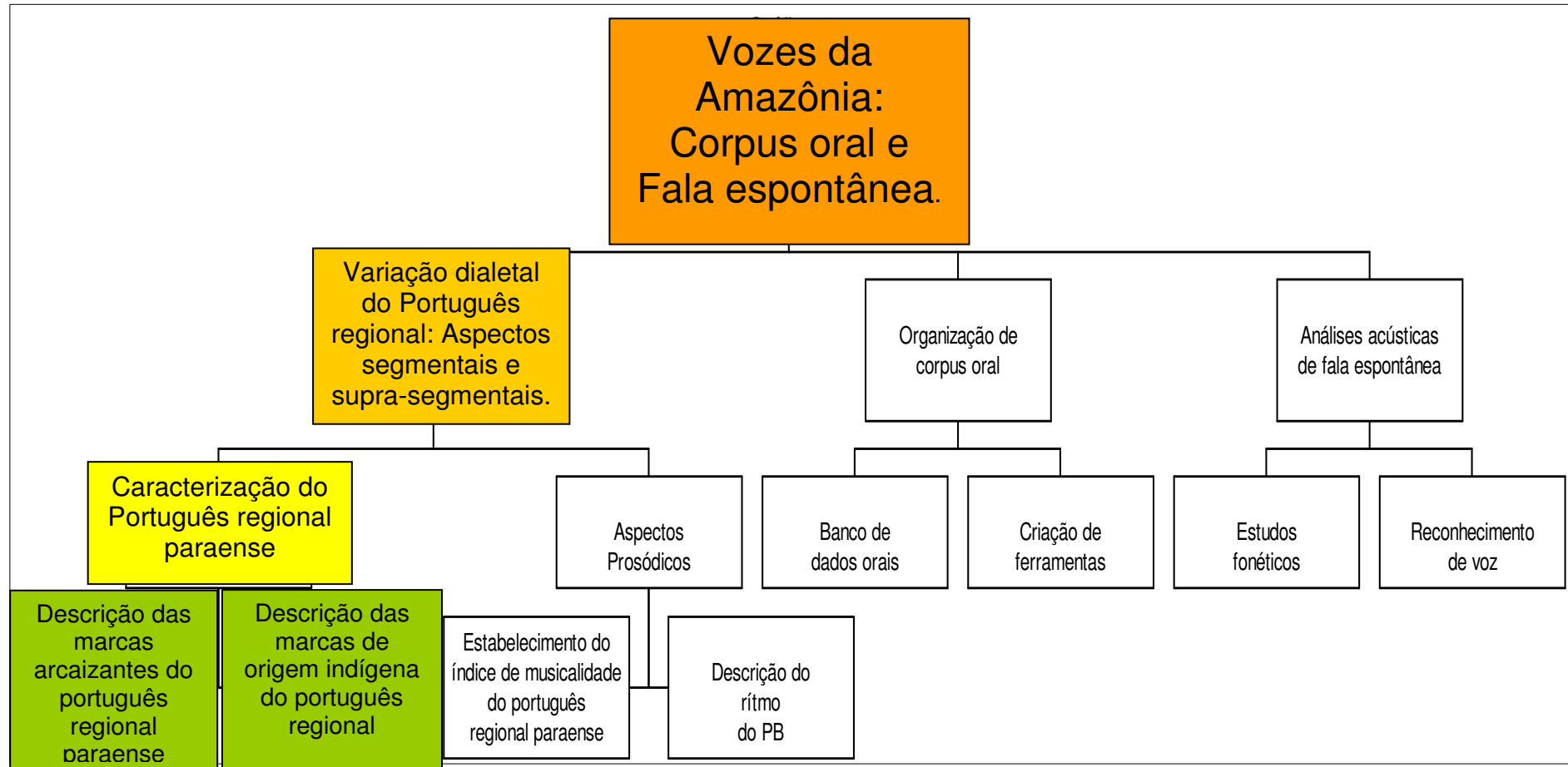
O presente estudo, por fim, faz parte de um conjunto de pesquisas coordenadas pela Professora Dr. Regina Cruz¹, idealizadora do projeto “*Vozes da Amazônia: corpus oral e fala espontânea*”, da Universidade Federal do Pará. Dele participam docentes e discentes, desta IES, que produzem trabalhos de Iniciação Científica, artigos científicos, Trabalhos de Conclusão de Curso e Dissertações de Mestrado.

Como exemplo, o estudo descrito aqui, que é uma concretização de outros desenvolvidos, preliminarmente, por Cruz; Fernandes (2004), por meio do Plano de Trabalho “*Simbolismo sonoro do português brasileiro: o estudo dos ideofones*”, desenvolvido, por mim, em nível de iniciação científica, do qual já se originaram duas publicações em Anais de eventos científicos (CRUZ; FERNANDES (2004a), CRUZ; FERNANDES (2004b)).

O Figura 1, abaixo, coloca em destaque a linha de pesquisa na qual está situado o presente estudo.

¹ Professora de Lingüística da Universidade Federal do Pará, nos Cursos de Graduação em Letras, Especialização em Língua Portuguesa e Mestrado em Lingüística.

Figura 01 - Organograma retirado do projeto “Vozes da Amazônia: *corpus* oral e fala espontânea”.



Fonte: Projeto “Vozes da Amazônia: *corpus* oral e fala espontânea”.

Neste trabalho, construções atípicas do Português Brasileiro serão analisadas como ideofones, e serão observadas considerando estudos já produzidos sobre o assunto, os quais serão apresentados adiante, e o comportamento “peculiar” apresentado por elas.

Para dar conta do estudo, esta dissertação foi organizada em três capítulos. No Capítulo I, é discutida a importância científica do fenômeno em questão, a partir da apresentação de estudos anteriores. No Capítulo II, são apresentados os objetivos do presente trabalho, os procedimentos metodológicos tomados para o tratamento dos dados. No Capítulo III encontra-se a análise dos dados, a descrição, além de algumas conclusões.

CAPÍTULO I

1. RELEVÂNCIA CIENTÍFICA

Segundo Fernandes (2004), “Um fenômeno próprio da comunicação oral que constitui importância científica sem precedentes, mas tão pouco explorado, é o *simbolismo sonoro*” (p. 13). A relevância desta investigação está nas contribuições que esta pode oferecer à comunidade científica, no que diz respeito a fatos pertinentes da língua, na sua forma mais “espontânea”, ainda não verificados, e, assim, colaborar para uma configuração da realidade do Português falado no Brasil, mais especificamente, no Pará.

A escassez de estudos sobre simbolismo sonoro pode se dever ao fato de a relação simbólica, frequentemente manifestada pela iconicidade da língua, ter sido pouco estudada. Muitos questionamentos ainda giram em torno do assunto, mas Lee diz que é possível obter respostas: *Answers will be available only after a number of investigations on various languages will have been performed.* (LEE 1992: 9)

Nessa perspectiva, este estudo pretende colaborar, conduzindo uma investigação sobre o assunto.

(BOLINGER 1981; DOKE 1935; DIFFLOTH 1972; LIBERMAN 1978; SAMARIN 1978; Y. S. KIM 1984). Nas correntes discussões lingüísticas, aparece como um processo chamado *ideofone* (LEE 1992).

Mas tais observações demonstram que a maior preocupação dos lingüistas é com a parte arbitrária da língua, e pouca atenção é dada à parte não arbitrária, como registra Lee: *Linguists have been so preoccupied with the arbitrary parts of language that have come to lose sight of the pervasive non-arbitrary part.* (LEE 1992: 2)

Mas demos o primeiro passo. A iniciativa de investigação do fenômeno no Português brasileiro se deu com base em estudos procedidos por Cruz (2000), sobre uma variedade falada por comunidades negras da Amazônia: o Português Afro-brasileiro (doravante ABP). Neste estudo, a autora destacou alguns processos segmentais como traços da identidade lingüística dessa variedade, e, um desses, é identificado pela autora como ideofones, pois *acredita-se que os ideofones enquanto marca lingüística do português regional paraense seriam resquícios das línguas faladas na Amazônia, seja das nativas seja das africanas.*(CRUZ, 2000:66)

Continuando a investigação sobre o assunto, um aprofundamento foi realizado por Cruz; Fernandes (2004) e Fernandes (2004). Deste, apresenta-se algumas conclusões:

1. Identificação de ocorrências similares de ideofones em outras variedades da Região do Baixo Tocantins (cf. Leão 1998; Diniz; Silva 1998 e Gonçalves 2003).
2. Identificação de ocorrências similares de ideofones em línguas indígenas da família Tupi (cf. Stradelli 1929; Palácio 1984; Braga 1992; Caldas 2001 e Seki 2000).
3. Identificação de ocorrências similares de ideofones em línguas da família Macro-Jê (Cruz 2000a e 2000b).

4. Os ideofones encontram-se essencialmente na modalidade oral e mais presente na fala espontânea (Bartens 2000 e Childs 1994).
5. Os ideofones do ABP são nitidamente heranças lingüísticas do substrato indígena. Ou seja, os ideofones do ABP são contribuições lexicais de origem indígena, conservadas intactas na variedade do português falado pelas comunidades quilombolas de Cametá.

Essas conclusões são consideradas parciais por serem extraídas de uma análise de um número menor de dados e de variedades regionais, além daqueles não terem sido observados sob as perspectivas de análise utilizadas nesta etapa.

Cruz; Fernandes (2004b) concluíram ainda que *as construções ideofônicas a que Cruz (2000b) se refere, caracterizam-se por apresentarem de forma produtiva em sua estrutura morfológica a reduplicação e o jogo fonético, além disso, são termos não dicionarizados.*

As construções em questão estão presentes na tabela 1 abaixo.

Tabela 1 - Construções Ideofônicas do Português Afro-brasileiro (ABP)

Ideofone	Contexto
<i>Fifiti</i>	<i>Fifiti/Tem grande micidade de mapará fifiti no mercado.</i>
<i>Humhum</i>	<i>Humhum/É uma desculpa pra preguiça dele né tia/ é humhum.</i>
<i>Gito</i>	<i>Gito/Eu vi um passarinho gito, gito.</i>
<i>Teba</i>	<i>Teba/Puxou no anzol um teba de Tucunaré.</i>

<i>Teité</i>	<i>Teité/Vê se eles gostam que a gente tira o deles. Ele ainda ri teité.</i>
<i>Teitei</i>	<i>Teitei/Ele está teitei de açaí.</i>
<i>Teteé</i>	<i>Teteé/Eu pensava que ia morrer, falava coisa teteé.</i>
<i>Hemhem</i>	<i>Hemhem/Posso contar com a tua ajuda/Hemhem.</i>
<i>Malamá</i>	<i>Malamá/Eu vou pedir pra tua tia fazer um chá malamá doce.</i>

Fonte: Cruz (2000b)

Com esses estudos, a confirmação da presença do fenômeno ideofônico no Português brasileiro, ficou mais próxima. Porém, mesmo baseado em fundamentação teórica e em dados reais, ainda é necessário um outro item, a participação de um agente fundamental para a presença desse fenômeno, os falantes nativos do ‘falar’ paraense, e para isso contou-se com um teste de percepção que coloca os dados para avaliação dos próprios falantes, assim será possível saber: (i) se há uma outra classificação dada por esses falantes as construções em uso real de fala, (ii) se esse falante reconhece essas construções e (iii) o que ele pode nos dizer delas.

Como vimos nas conclusões feitas por Cruz; Fernandes (2004) e Fernandes (2004), detectou-se a ocorrência de construções similares às construções identificadas como ideofones do Português brasileiro, fazendo parte do vocabulário dos grupos lingüísticos Tupi e Macro-jê. Observe a Tabela 2.

O fato de essas formas terem sido encontradas em línguas indígenas levou Fernandes (2004) a buscar a confirmação de as que mesmas sejam ideofones, isso por que:

o fato de não ser possível fazer a reconstrução histórica das construções, é um dos critérios descritos por Childs (1994) das formas ideofônicas da língua falada em Singapura. Portanto, pode ser validada ou não a classificação das construções em questão como ideofones do PB. (FERNANDES 2004:17)

Na tabela 2, é possível ver as construções encontradas em língua indígenas.

Tabela 2 - Tabela das formas encontradas em línguas indígenas.

Língua indígenas	Língua/família	Transcrição	Valor semântico	Referência
<i>Taité</i>	<i>Nheêngatú/ Tupí</i>	<i>[taitE]</i>	<i>Qualificador</i>	<i>Stradelli (1929)</i>
<i>Hemhem</i>	<i>Nheêngatú/ Tupí</i>	<i>[Ee]</i>	<i>Part. Afirm</i>	<i>Stradelli (1929)</i>
<i>Hemhem</i>	<i>Kamaiurá/ Tupí</i>	<i>[hh]</i>	<i>Part. Afirm.</i>	<i>Seki (2000)</i>
<i>E'he</i>	<i>Asurini do TO/ Tupí</i>	<i>[E'E]</i>	<i>Part. Afirm</i>	<i>Cabral & Rodrigues (2003)</i>
<i>Humhum</i>	<i>Guató/ Macro-Jê</i>	<i>[NN]</i>	<i>Part. Afirm</i>	<i>Palácio (1984)</i>
<i>Tetee</i>	<i>Makurap/ Tupí</i>	<i>[tE'tEE]</i>	<i>Intensificador</i>	<i>Braga (1992)</i>
<i>Teéteé, teuté</i>	<i>Ka'apor/ Tupí</i>	<i>[teéteé]</i>	<i>Intensificador</i>	<i>Caldas (2001)</i>

Fernandes observou que

Os mesmos ideofones estudados por Cruz (2000a e 2000b) pertencem ao sistema lexical e gramatical de línguas indígenas que sofreram forte

influência da língua geral como tembé (Eiró 2001), ou da própria língua geral amazônica (Borges 1991), atesta-se também que eles pertencem a outras línguas que não fazem parte da família tupi-guarani como o guató (Palácio 1984) em que é possível encontrar a partícula afirmativa do ABP [NN], da mesma forma o qualificador [tEtE'E] apresenta ocorrências muito próximas no tembé (Eiró 2001).(FERNANDES 2004:17)

Confirmada a possibilidade de resgate histórico resta avaliar se, atualmente, essas construções são realmente ideofones do Português Afro-brasileiro (doravante ABP) ou se fazem parte do léxico prosaico dessa variedade. Aqui se pretende efetuar uma análise mais detalhada dos dados para esclarecer pontos e levantar outras questões. Além do objetivo maior que é contribuir para uma descrição do fenômeno Simbolismo sonoro no Português.

1.2. Simbolismo sonoro, ideofones e Iconicidade.

1.2.1. Simbolismo sonoro

Para Sapir (1929 apud LEE 1992:3-5), há dois tipos de simbolismo nas línguas: o simbolismo referencial e o expressivo. O simbolismo referencial é totalmente arbitrário, pois surge da associação convencionada entre vogais e consoantes, e destas com os seus significados. O simbolismo expressivo, por outro lado, é algo psicologicamente primário do simbolismo. O aumento do tom, em sentenças interrogativas pode ser um bom exemplo do tipo expressivo de simbolismo na fala humana. Ele ainda pontua que, no campo do material fonético, o que predomina é o simbolismo expressivo. A associação de aspectos acústicos e sinestésicos é relevante para esse tipo de simbolismo.

Um outro estudo sobre a relação som e significado é citado em Lee (1992), o de Jakobson “*Child language, aphasia, and phonological universals*” (1941), se trata de um trabalho pioneiro que diz o seguinte:

que dos sons derivam significância não somente de sua relação com outros sons, mas de uma direta associação entre elementos do som e elementos da percepção baseados no princípio da sinestesia. De acordo com ele simbolismo sonoro é a natural manifestação da sinestesia na língua.(p. 5-6)

Em Bartens (2000:20) encontra-se uma aproximação entre Simbolismo sonoro e ideofones, ela diz que:

like most other expressive discourse devices, ideophones are rooted in oral communication and tend to be eliminated during the standardization and graphicization of languages. Oral communication provides the right for the use of ideophones in the sense that the speaker/narrator may be recourse to other para- and supralinguistic devices [...]. Ideophonic speech is often accompanied by gestures or can be replaced by them altogether (Kunene 1965; 1978; Samarin 1971; Childs 1988; 1994; 1995; 1996; Moshi 1993; Staden 1977).

Muitos estudiosos tratam o fenômeno do Simbolismo sonoro fazendo essa aproximação com o processo de formação de ideofones, como veremos adiante.

1.2.2 Ideofones

Doke (1935) utiliza o termo ideofone para designar o processo de Simbolismo sonoro em Zulu, pelo fato das expressões apresentarem peculiaridades fonéticas e terem carência de características morfológicas distintivas. Doke define ideofones como *a vivid representation of a idea in sound. A word, often onomatopoeic, which describes a predicate, qualitative, or adverb in respect to manner, color, sound, action, state, or intensity. (DOKE 1935: 118)*

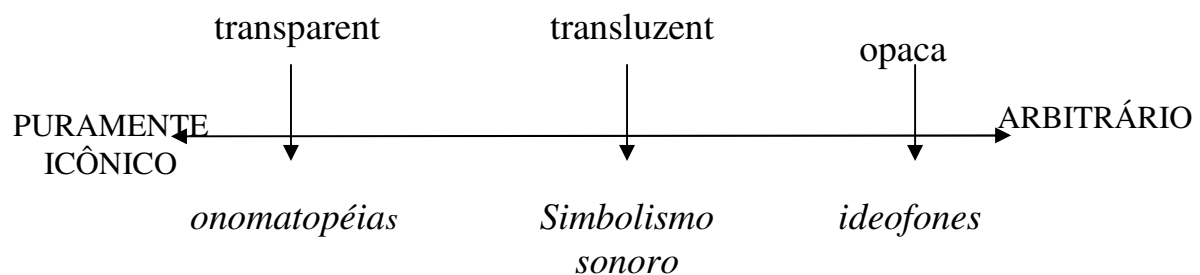
Lee diz que a relação entre som e significado pode se dá de forma primária e transparente, como é o caso das onomatopéias; e de forma secundária como no caso dos ideofones, pois, *the symbolic status of certain sound-meaning associations can emerge as a secondary association rather than from a first hand transparent relationship between sound and the referent such as onomatopoeia. (1992: 11)*

Fordyce (1988 apud LEE 1992) faz uma distinção entre as relações icônicas possíveis. Para ele existe uma relação transparente manifestada pelas onomatopéias; a relação transluzente, manifestada pelo simbolismo sonoro; e a relação opaca, manifestada pelos ideofones. Observa-se uma oposição no uso do termo ideofone, considerado, de forma geral, como o mesmo que simbolismo sonoro entre alguns autores, ou seja, os dois termos se confundem, mas para Fodyce (1988 apud LEE 1992) não querem dizer a mesma coisa, pois para o citado autor *in that ideophones refer only to opaque iconic type. Neither onomatopoeia nor sound symbolism are included in the category of ideophones. (p. 12)*

Para Fordyce (idem), as onomatopéias dependem intimamente do som, por isso podem extrapolar o fato de pertencerem a uma língua específica, ou seja, qualquer falante do mundo pode identificar o seu significado. Porém, há casos em que expressões onomatopaicas só são reconhecidas por falantes de uma língua específica, trata-se, portanto, de uma relação icônica não tao transparente assim. Logo, para ele essas expressões não são consideradas como onomatopéias.

Fordyce propõe uma escala em que ele localiza os tipos de relações entre som e significado. Pela sua descrição a escala seria visualizada da seguinte forma:

Escala 1 - *Continuum* da interação som-significado proposta por Fordyce (1988).



Lee (1992: 12) sugere que, diante da imprecisão na aplicação dos termos, o estudo sobre o simbolismo seja direcionado para a relação entre som e sentido e não para a compreensão dos termos. O que de fato buscaremos aqui, pois não é objetivo deste discutir a terminologia adequada e sim o processo. Porém, este trabalho posicionar-se-á da seguinte forma: ideofone se trata de um processo que faz parte do fenômeno Simbolismo sonoro, e não como processos diferentes.

A partir de agora, buscar-se-á fazer um levantamento dentro dos estudos que tive acesso, realizados sobre ideofones.

1.2.2.1. Ideofones em Wescott (1973)

Conforme Wescott (1973), o termo Ideofone ficou conhecido em 1935, por meio Doke (1935), que desenvolveu um trabalho sobre alguns termos que se desviavam gramaticalmente de outros termos mais “comuns” da língua africana Bantu. Segundo Doke (1935), esses termos transportavam impressões sensoriais, porém, ficaram à margem dos estudos lingüísticos, um dos motivos era a ausência de consenso entre os estudiosos da área. Uns diziam que o processo de formação de ideofones era exclusivamente africano, outros afirmavam serem afro-asiáticos, e outros defendiam a idéia de que seria um processo universal presente em todas as línguas do mundo.

Para Doke (1935 apud WESCOTT 1973) os ideofones formam uma classe gramatical independente na língua, enquanto outros afirmam que não, e sim que:

The relation between ideophones and the internal taxonomies of languages in which they occur is equally moot. Doke himself, for example, regarded ideophones as constituting a grammatical class, or ‘part of speech’, independent other such class. Most other linguists, however, have preferred to subsume them um other, more conventional, class.(p. 1)

Wescott (1973) lembra a opinião de Diffloth (1972) sobre o comportamento gramatical dos ideofones *goes further and characterizes ideophones as forms which can function as complete sentences and whose morphemic constituents are phonic features. (WESCOTT 1973: 2)*

Para Wescott (idem) afirmações como essas podem construir visões limitadas sobre a função que os ideofones podem desempenhar na língua. Isso se deve à aplicação inadequada

de algumas teorias gramaticais, como, por exemplo, teorias puramente sintáticas, para caracterizar os ideofones.

Tal fato nos leva a deixar de perceber características pertinentes à compreensão do funcionamento da língua como, por exemplo, as características fonológicas presentes na estrutura interna deles.

Um traço fonológico visível nos ideofones é o que Wescott (1973) chama de *Palinphony*, que *is sound-repetition. Its most compact form is palyndromy, or the seriation of speech sounds in such a way that they form a sequence which does not change phonemically when reversed.* (p. 7)

Na mesma obra, o autor utiliza dados encontrados na língua Bini, africana, e dados pertencentes ao inglês, para fazer uma breve comparação entre as línguas. O exemplo dado é do Inglês: ‘tib > bit’, que têm como sinônimos ‘bop’ e ‘sock’.

Também a aplicação exclusiva de teorias estruturais faz com que deixemos de identificar características semânticas, que, por exemplo, poderiam ser fundamentais para a compreensão do comportamento funcional das ocorrências ideofônicas na língua.

Quando se fala na função desempenhada pelos ideofones em uma língua, vários autores os descrevem como expressões que imitam sons. Porém, os ideofones não se limitam a isso, podemos encontrar também descrições, na literatura, que indicam que estes podem representar, também, sensações, formas etc. (LEE 1992). Wescott (1973) exemplifica com as seguintes expressões:

‘cackle’ (dic)²

‘cuckoo’ (dic)

‘quack’

‘cluck’

‘croak’ (dic)

‘giggle’

Ele as chama de *sound-effect words*, as quais fazem parte de **uma** categoria dos ideofones, como diz a citação a seguir: *Theses sound-effect words all belong to an ideophonic category which, following the lead of Samuel Martin (1962), we may term phonomimes, or sounds that mimic other sounds.*

Enfatiza-se o termo ‘uma’ para registrar que os ideofones não são expressões que unicamente imitam sons, mas sim que existe uma parcela de expressões ideofônicas que desempenham essa função, formando uma categoria denominada de ideofone.

Outros exemplos dados pelo mesmo autor revelam também algumas características do comportamento fonético dos ideofones de Bini. Como os que seguem na tabela 3.

² Expressões dicionarizadas (*dic*)

Tabela 3 – Ideofones da língua Bini.

ideofones	Sentido
<i>‘èzizá’</i>	<i>fantasma peludo</i>
<i>‘kpúkúpúkú’</i>	<i>agachar</i>
<i>‘lele’</i>	<i>seguir</i>
<i>‘títítítí’</i>	<i>som do vento nas árvores</i>
<i>‘fiefiefiefiefe’</i>	<i>como o rato faz</i>

Fonte: Wescott (1973)

Uma outra característica fônica também citada pelo autor na língua Bini é o desvio do padrão fonético da língua, como o desvio da seqüência fonética aceitável por uma língua específica, o que seria considerado uma violação de suas regras fonéticas, como o que ocorre no exemplo seguinte:

Ex.:

‘bàbádaadaa’ no lugar do padronizado ‘ebàbá ‘dad’

Com relação às representações sensoriais, pode-se dizer que os ideofones, em Bini, além da representação de sons, também indicam: forma, tamanho, postura, altitude, cor, movimento, fala, estrídulo, textura, atitude. Ver a tabela 4.

Tabela 4 – Exemplos de ideofones sensoriais em Bini e no Inglês.

Referência	Termos em Bini	Tradução	Termos em Inglês	Tradução
1. visual				
<i>Forma</i>	<i>Were</i>	<i>Estreito</i>		
<i>Tamanho</i>	<i>`gìere</i>	<i>Pequeno</i>		
<i>Postura</i>	<i>Síó'í</i>	<i>Ereto</i>		
<i>Altitude</i>	<i>Gélété</i>	<i>Alto</i>		
<i>Cor</i>	<i>Kākākā</i>	<i>Negro</i>		
2. movimento				
<i>Movimento</i>	<i>Gologolo</i>	<i>Balançando</i>	<i>Scrunch</i>	
3. auditiva				
<i>Fala</i>	<i>Wewewe</i>	<i>Sussurrando</i>	<i>kafooster</i>	
<i>Vocalização</i>			<i>katcho</i>	
<i>Estripidar</i>			<i>gurgle</i>	
<i>barulho</i>			<i>kaboom</i>	<i>'salpicar'</i>
4. tátil				
<i>Textura</i>	<i>Gùazà</i>	<i>Quebrado</i>	<i>canoodle</i>	
5. emotiva				
<i>Atitude</i>	<i>Xùaróxúará</i>	<i>Áspero</i>	<i>biggity</i>	

Fonte: WESCOTT (1973)

Ao proceder a uma comparação entre os ideofones de Bini e os ideofones do Inglês, Wescott (1973) chega à seguinte conclusão: *In Bini, ideophones referring primarily to sensory impressions are more often visual than auditory, whereas in English they are more often auditory than visual...* (WESCOTT 1973: 16)

Além disso, Wescott (1973:16) conclui também que o fenômeno é muito recorrente nas duas línguas, e que as ocorrências entre elas apresentam muitas discrepâncias, mas, também, freqüentes paralelismos, o que indica para um fenômeno lingüístico universal.

A partir desses fatos o mesmo autor faz um questionamento, também feito neste: se o ideofone é um fenômeno universal, por que esta universalidade é “extremamente” ignorada ou negada na maioria dos estudos e pesquisas referentes a descrição das línguas?

Mesmo o fato de, em várias comunidades africanas, os ideofones compreenderem 5.000 ou mais palavras do vocabulário, uma freqüência substancial na língua, ainda assim, se observa uma ausência considerável quanto ao seu estudo.

1.2.2.2. Ideofones em Samarin (1991)

Segundo Samarin (1991), a função referencial há muito é o centro dos estudos lingüísticos, só recentemente a função expressiva recebe a sua merecida atenção. Para este autor, a expressividade se manifesta de diferentes formas no uso da língua. Essa pode estar à bordo, por exemplo, do fenômeno ideofônico.

Para ele, os ideofones são um *Phenomenon found in a number of languages of the worlds distinguished phonologically from other words in the language whose semantics has to do with qualities of states, events, and so forth.* (SAMARIN 1991: 52)

Ainda segundo o mesmo autor, a relação entre ideofones e expressividade é reconhecida por muitos estudiosos, se não por todos. A polêmica instaura-se, no entanto, pelo tratamento dado aos ideofones, como palavras de significados vagos, de difíceis definições ou como “*nonsense*”. Alguns estudiosos chegaram a associar os usuários das expressões ideofônicas como falantes linguisticamente incompetentes.

Porém, o uso de expressões ideofônicas nas línguas africanas merece muita atenção, pois as caracterizam como área lingüística, e também por representarem uma considerável porção do léxico (SAMARIN 1991: 53).

Mas não são só esses os motivos que devem atrair o interesse da lingüística em relação aos ideofones, e sim o fato de se tornar objeto de pesquisa para possíveis investigações sobre: *the acquisition of ideophones on the part of children, possible differences in knowledge and use between women and men, and the effects of urbanization and other types of culture and social change on languages rich in ideophones. (p. 53)*

O estudo, conduzido pelo mesmo autor, observou as construções ideofônicas sob o ponto de vista semântico. Buscou saber mais sobre as variações dos significados que surgem entre falantes de um mesmo dialeto, e variações entre diferentes dialetos de uma mesma língua. A língua estudada foi Gbeya, falada na África Central.

O que encontrou foi o seguinte: variação nas formas e nos significados dos ideofones, tanto entre falantes de um mesmo dialeto, como entre falantes de diferentes vilas, isto porque, para Samarin: *We are dealing with a class of word whose function is to encode the attributes of objects and events. Because people perceive different aspects of these objects and events, their ideophonic responses are expectedly different. (p. 59)*

1.2.2.3. Ideofones em Lee (1992)

Segundo Lee (1992), é considerável o número de palavras expressivas no coreano e os seus falantes fazem uso constante das mesmas. O autor as denomina de palavras expressivas ou de palavras simbólicas sonoras, por que para ele essas expressões exibem uma relação icônica entre sua estrutura segmental e o seu referente, mesmo que outros estudiosos utilizem o termo ideofone, sem nenhuma implicação, isso porque ainda falta uma delimitação desses termos.

As palavras expressivas coreanas apresentam aspectos que o autor faz questão de ressaltar e de colocá-los como características “importantes”: *(a) the systematic nature by which a certain flavor is added to these words; (b) the significant proportion of these words in the lexicon (p. 87).*

Para colaborar com a sua fala, o autor cita Chung (1938: 10 traduzido por Y. S. KIM 1984) que diz o seguinte: *a word necessarily has in it a ‘meaning’ and at the same a certain ‘flavor’. The meaning of a word expresses the speaker’s idea, while its flavor expresses the speaker’s feelings (p. 162).*

De acordo com os gramáticos coreanos, as palavras expressivas são tratadas como categorias de palavras imitativas de sons e maneiras, mesmo sendo palavras que carregam, em si este comportamento, não se limitam a essas funções, pois *expressive words in Korean cover much more than sounds and manners. For exemple, they also express colors, odors, tastes, shapes, sights, textures, appearances, attitudes, gestures, motions, emotions, sensations and so on (LEE 1992: 88).*

O mesmo autor chama a atenção para o fato de alguns autores fazerem confusão no momento de identificar um ideofone. Algumas palavras, chamadas por Lee de palavras prosaicas, e que fazem parte do vocabulário “comum” do coreano, são classificadas esses

autores como ideofones, simplesmente por sofrerem o processo de reduplicação. Tal confusão se dá pelo reconhecimento de que essas palavras desempenham uma primeira função, a de imitarem sons, ou seja, são, na verdade, tratadas como onomatopéias. Uma das características mais evidentes das onomatopéias é justamente a reduplicação. Porém, Lee nega ser a reduplicação uma das condições para ‘ideofonização’ de palavras de uma língua. A questão da reduplicação é importante para o nosso estudo, pois muitos dos dados que compõem o *corpus* do presente trabalho apresentam reduplicação.

A limitação da visão de que ideofone se confunde com noção de onomatopéia ou de *mimesis* exclui a possibilidade de uma maior compreensão do sistema simbólico de uma língua. Assim como no Koreano, o Português brasileiro também apresenta a possibilidade de representação de uma larga escala semântica na língua e os ideofones também se fazem presentes em vários aspectos gramaticais.

Lee (1992) considera que onomatopéia e *mimesis* são duas subcategorias de ideofones. Primeiro pelo fato destes apresentarem um campo de variação semântica muito vasta e por se tratar de expressões que desempenham um importante papel na língua.

Os ideofones apresentam certas estratégias que persistem estabelecer um grau de relação icônica entre a forma e o significado. Lee cita: a) o jogo fonético e b) a reduplicação fixada como um processo de formação de palavra.

O jogo fonético e a reduplicação são duas características importantes, mas o autor em questão enfatiza especificamente o jogo fonético, uma vez que, unicamente a reduplicação, não é suficiente para determinação de ideofones, por ser, como já foi dito, uma das características mais presentes nas onomatopéias, segundo ele a:

Reduplication is commonly observed in ideophones, it is not, however, an exclusive property of them as is the case with phonetic play, nor is it the case that all the ideophones undergo reduplication. (...) I will focus the attention on reduplications as an external trait of ideophones... (LEE 1992: 112)

No entanto, a reduplicação é uma das estratégias mais utilizadas para se chegar a iconicidade. Como bem afirmou Fordyce (1988), as onomatopéias representam um tipo de iconicidade transparente. Por isso esta estratégia também não pode deixar de ser considerada, pois é por meio dela e do jogo fonético que os ideofones apresentam um maior ou menor grau de iconicidade.

Resumidamente, Lee (1992) conclui o seguinte sobre os ideofones coreanos:

In the Korean sound symbolism system, phonetic play and reduplication can be considered as major attributes of ideophones. Phonetic play is the utmost intrinsic property of ideophones by which iconic relationship between the referent and the meaning can be achieved. Reduplication is the structural property that ideophones often exhibit. (p. 135)

Além disso, o autor aborda o processo de ideofonização que ocorre em palavras triviais do vocabulário coreano.

Phonetic play is the utmost intrinsic property of ideophones by which iconic relationship between the referent and the meaning can be achieved. Reduplication is the structural property that ideophones often exhibit. These two strategies often apply to non-ideophonic words in Korean. These procedures, the outcome of which produce 'ideophonic prosaic word', will be referred to as 'ideophonization' (LEE 1992: 135)

A ideofonização é um fenômeno que pode vir a ser observado no Português Brasileiro, mas o jogo fonético e a reduplicação já se demonstram ser propriedades próprias de ideofones presentes nessa língua.

1.2.2.4. Ideofones em Childs (1994)

Childs (1994) aborda nesta obra as significações representadas pelos ideofones, da importância desses termos simbólicos serem observados dentro de um contexto, frasal ou maior, para que se possa obter uma interpretação adequada dos mesmos, pois os identificados em seu estudo não apresentam registros históricos, tornando-se inviável um resgate dos significados, mas se sabe que são combinações sonoras, com “forte” valor expressivo. O autor usa um exemplo e afirma o seguinte sobre os ideofones africanos:

hyán-hyán is an ideophone. As opposed to other words in the utterance, its exhibits unusual phonological properties (e.g. its raised pitch range or register), morphological (e.g. reduplication), syntactic properties (e.g. is sentence-final position set off from the rest of the utterance), semantic properties (e.g. the translation is inexact), and historical properties (e.g. its origin is obscure and it may be a once creation) (CHILDS 1994:178).

O mesmo autor, nota que os ideofones formam uma categoria de palavras em línguas africanas, mesmo assim, dificilmente fazem parte de descrições lingüísticas. Eles não apresentam uma única característica, justamente por sua alta variação, o que se torna um desafio descrevê-los. O referido autor chega a mencionar que poucos estudos são desenvolvidos sobre os ideofones por sua ‘intratabilidade’ para análise. São pouco presentes em textos escritos e, como já foi dito, necessitam pelo menos de um contexto frasal para a sua interpretação.

Ainda segundo o autor, o merecimento de atenção se justifica por sua constante apresentação nas línguas do mundo e da sua considerável proporção que ocupa no léxico de uma língua, além de *Ideophones are also of interest for their apparent iconism, especially*

sound symbolism, raising the broad issue as to the arbitrariness of the sound-meaning association (CHILDS 1994: 180).

Para Childs, a estética dos ideofones é um desafio para os estudiosos, porque não carregam simplesmente uma informação referencial, mas podem ser inseridos dentro de um estudo fundamentado em uma teoria da expressividade: *Understanding language as a form of human behavior requires us to consider ideophones as an important manifestation of the expressive and perhaps poetic function (1994: 180).*

Em algumas línguas, os ideofones formam uma categoria gramatical separada das demais, em outras formam subclasses, como nomes ideofônicos, verbos ideofônicos etc. Em certas línguas, podem ser localizados apenas em uma ou no máximo duas classes. Por exemplo, em Terá, os ideofones funcionam como adjetivos (NEWMAN 1968: 113); em Shona, como verbo (FORTUNE 1962:4); em Gbaya, como advérbios (SAMARIN 1965:118); e, em Bambara, como nomes e verbos (COURTENAY 1974). O autor atenta para o fato de que: *In the vast majority of cases, however, ideophones perform an adverbial function and are closely linked with verbs (CHILDS 1994: 181).*

Em certo momento de seu texto, o autor em questão nos faz pensar o que nos levaria a considerar os ideofones como uma classe de palavras universal, ou uma classe separada das outras classes de palavras de uma língua. Seriam as características fonológicas, morfológicas, semânticas, pragmáticas ou sintáticas? Ele afirma que, dentro de uma língua particular nenhuma dessas características deve ser o critério, e sim *a constellation of characteristics differentiates ideophones from other word categories (CHILDS 1994: 181).*

O explica o seguinte, que todos os estudos apontam para um comportamento fonológico peculiar, porém poucos apontam esse como o único e exclusivo critério que poderia definir o ideofone como uma classe. Por exemplos, em algumas línguas a nasalização

de vogais ou o alongamento são contrastivas, mas isso não se aplica a todas as línguas do mundo.

O mesmo autor nos remete, também a título de exemplo que, em Yoruba, os ideofones violam as restrições segmentais e prosódicas da *matrix* desta língua; em Nguni, os ideofones têm segmentos não encontrados em outro lugar na língua; e, em outras línguas africanas, eles apresentam um inventário fonético diferente do inventário considerado padrão.

Morfologicamente, os processos mais produtivos nas línguas africanas são em geral: a repetição, o prolongamento e a reduplicação: *Repeated or prolonged ideophones generally possess an iconic component in that the elongation represents extension in time or space (CHILDS 1994: 185).*

Na reduplicação pode acontecer do ideofone ser reduplicado somente uma vez, reduplicado muitas vezes ou reduplicado parcialmente. Veja os exemplos em Kisi, abaixo.

Tabela 5 – Ideofones em Kisi (língua africana)

ideofone	Tipo de reduplicação
<i>pílikò</i>	<i>Somente uma vez</i>
<i>Cám-cám</i>	<i>Mais de uma vez</i>
<i>Fióndó-ndó-ndó</i>	<i>parcialmente</i>

Fonte: Childs (1994)

Os estudiosos não chegaram à conclusão que os ideofones constituam uma classe de palavras independente, a não ser que essa análise seja feita na base de uma língua específica. Sintaticamente, os ideofones das línguas africanas apresentam comportamentos diferentes, por

isso, as características sintáticas não podem ser a base para a definição de uma classe de palavras.

Mas algumas restrições existem, como: geralmente aparecerem em sentenças declarativas, quase nunca em negativas e interrogativas, e são introduzidos por algum termo, como verbo e adjetivo.

O critério semântico é pouco utilizado, por não ser possível ainda precisar especificamente as definições semânticas. Trata-se de um critério fluido visto a variabilidade de campos semânticos representados pelos ideofones. No entanto, há um aspecto semântico importante é ressaltado por Childs:

Another aspect to the semantics of ideophones is their reliance on *non-arbitrary* relations between sound and meaning, as opposed to the conventional arbitrariness (*l'arbitraire du signe* of Saussure 1915) assumed to characterize language in general. In fact ideophones differ only quantitatively from the rest of the lexicon in this respect. Non-arbitrariness can be found elsewhere; it is simply more common with ideophones. Such relationships characterize only some ideophones (1994: 189).

Para o autor, essa relação icônica pode ser denominada de simbolismo sonoro, e que há outros tipos de relações icônicas, a onomatopéia, por exemplo, que é abordado no item iconicidade. Pragmaticamente, segundo ele, os ideofones africanos são expressões que aparecem em ambientes limitados:

They are generally found only in declarative sentence types. Furthermore, they are restricted (but not exclusively, cf. Bohnhoff 1989) to certain types of discourse, especially involving some sort of performance, and they correlate with social factors such as age and sex (...) Highly educated informants with whom I have worked have denied the existence of ideophones in their languages, dismissing them as 'childish'. (CHILD 1994: 195)

Enfim, o autor conclui que: *If approach is confined to the referential function of language (and idealized subset of data accomplishing that function), ideophones will necessarily lurk on the periphery of language. (CHILD 1994: 199)*

Ou seja, se não for observado, com seriedade, como antes de tudo um fenômeno social, os ideofones nunca ocuparão sua posição merecida na língua e nos estudos lingüísticos.

1.2.2.5. Ideofones em Cruz (1994, 1996, 2000)

Cruz (1994) desenvolveu um estudo descritivo de enunciados afirmativos a partir de dados coletados de uma variante do Português falado por comunidades negras remanescentes de quilombos, da microrregião de Cametá, rio Tocantins (PA). O que chamou a atenção da autora, inicialmente, foi a tendência dos usuários em utilizar duas formas para expressar afirmação: ‘*humhum*’ e ‘*hemhem*’. Sendo que a autora situa a expressão afirmativa ‘*humhum*’ como variável e a expressão afirmativa ‘*hemhem*’ como uma variante, mas ambas apresentam o mesmo significado referencial.

Inicialmente, apoiada em estudos enunciativos, Cruz (1994) apontou para a possibilidade de se tratar de marcadores conversacionais. Posteriormente a autora percebeu que *A frequência de ocorrência da variável <humhum> nos enunciados afirmativos era tal que a percebi como marca do português dessas comunidades... (p. 3).*

Em um estudo seguinte sobre aspectos fonético-fonológicos da variedade em questão, chamada Português Afro-brasileiro, Cruz (1996), contrariamente a estudos africanistas, que observam os ideofones sob o aspecto morfológico, acrescenta à observação dos ideofones o aspecto fonético-sintático, pois, segundo a autora, o aspecto fonético sempre esteve presente nas definições encontradas.

Mesmo Tarallo & Alkmin (1987:132 apud CRUZ 1996) apresentando os ideofones do crioulo português falado em Guiné Bissau, a partir de seu valor morfológico, os mesmos autores dizem que *O ideofone é um som ou grupo de sons que corresponde a uma idéia, conceito, processo, qualidade (p. 8).*

Cruz (1996) então tomou o conceito de ideofone dado por Gerard Diffloth (1972 apud WESCOTT 1977): *goes further and characterize ideophones as forms which can function as complete sentence and whose morphemic constituents are phonic features. (p. 3)*

A partir daí, Cruz redefine a sua conclusão a respeito das expressões ‘*humhum*’ e ‘*hemhem*’, caracterizando-as, agora, como exemplos de ideofones do português brasileiro, ou seja:

Um típico exemplo de ideofones identificados no português das comunidades afro-brasileiras da Amazônia são as suas partículas assertivas [humhum] e [hemhem]. As comunidades estudadas utilizam para expressar afirmação formas marcadas: sons glotais (1996: 9).

Cruz (1996: 9) analisando outros exemplos, conclui que estes também se tratavam de ideofones da variedade do português em questão. Eis esses outros ideofones:

1. **[tei'tei]** – funciona como um intensificador

Ex. Ele está **[tei'tei]** de açáí.

2. **[mala'ma]** – intensificador

Ex. eu vou pedir pra tua tia fazer um chá **[mala'ma]** doce

3. **[tei'tE]** funciona como qualificador

Ex. Vê se eles gostem que a gente tire o deles. Ela ainda ri **[tei'tE]**.

- Era pra apruntare essa capelinha aí, mas pobre **[tei'tE]** num faz o que quer.

- Aqui **[tei'tE]** esse rimidinho, essa pastilinha, é sim, quando ta cum febre, diarréia é **[tei'tE]** casca de pau.

4. **[tEtE'E]** – funciona como intensificador

Ex. Porque lá é acudiu de tudo, não é o aqui **[tEtE'E]**, é chazinho dali e dacula.

- Eu pensava que ia morrer, falava coisa **[tEtE'E]**.

Cruz (1996) conclui afirmando que o fenômeno fonético, o ideofone, é uma das marcas lingüísticas da variante do português falado por comunidades historicamente remanescentes de quilombos do Baixo-Tocantins (PA). Em Cruz (2000b) há Tabela 6, dos ideofones encontrados por ela.

Tabela 6 - Afro-Brazilian Portuguese ideophones

[hh] / [NN]	[tei'tE]	[tei'tei]	[tEtE 'E]	[fifiti]	[Gito]	[tEb6]	[mala'ma]
affirmative particles	qualifier	intensifier		diminutive		augmentative	intensifier
yes	<i>poor, miserabl e</i>	<i>a lot of, very much</i>	<i>acting with no reason, irrational thing, non-sense, anyhow</i>	<i>smaller</i>	<i>small</i>	<i>big</i>	<i>not excessive</i>
Typical of Afro-Brazilian Portuguese				Typical Amazonian Brazilian Portuguese			Found in another Brazilian Portuguese dialects.

Fonte: Cruz (2000b)

A mesma autora identificou que essas construções apresentam uma estrutura fonética diferente da de outras construções mais típicas do Português brasileiro, e que também exibiam a reduplicação com uma representação considerável em sua estrutura morfológica.

Como vimos, o processo é “comum” em diferentes línguas, o comportamento dos ideofones pode variar de língua para língua, porém é possível encontrar traços semelhantes

entre eles. Há uma variação dos aspectos que caracterizam os ideofones de cada língua, até porque cada autor buscou uma “forma própria” para analisar o fenômeno.

Neste estudo, tomar-se-á o ideofone como um processo dentro do fenômeno Simbolismo sonoro por concordar que este não se realiza unicamente por elementos segmentais da língua, que apresenta características fonéticas particulares, mas também por aspectos suprasegmentais.

O fato mais relevante, no entanto, é que o fenômeno, assim como ele se apresenta em qualquer língua, deve ser descrito, como afirma Lee (1992):

Given the fact that different languages adopt different way of integrating sound symbolism in their overall language system, the basis of an iconic system needs to be characterized language specifically. Only then, might we be able to draw generalizations about universal sound symbolism (p. 14).

Para uma ampla e adequada descrição e análise dos ideofones, a compreensão da noção de iconicidade é fundamenta. Sobre esta abordagem no próximo item.

1.2.3. Iconicidade

A reduplicação é uma das estratégias mais utilizadas para se chegar à iconicidade. Como bem classificou Fordyce (1988 apud LEE 1992), as onomatopéias representam um tipo de iconicidade transparente e a sua estrutura mais comum é constituída por reduplicações. Por isso, esta estratégia não pode ser deixada de lado nos estudos dos ideofones, pois pode ser que, por meio dela, estes alcancem um grau maior ou menor de iconicidade.

Reduplication is one of the ways in which manifests iconicity, since the 'lengthy' structure of reduplicative forms directly convey the 'ampleness' in terms of quantity and/or quality. As Sapir (1921: 26) remarks, 'nothing is more natural than the prevalence of reduplication in natural language' (p. 111-112)

Lee, parafraseando McCarthy (1979), diz e seguinte: *reduplication always involves the copying of a constituent of a morpheme (...)* According to him [McCarthy], *the copied constituent can be a phoneme, a syllable, a metrical foot, an entire morpheme, or some other constituent of a morpheme ...* (1992: 287).

A reduplicação pode dar-se de forma quantitativa (LEE 1992): pouca reduplicação, múltipla reduplicação, reduplicação parcial, reduplicação idêntica, reduplicação não idêntica e a reduplicação fixa. E, de acordo com Lee, as diferentes formas de reduplicação no Koreano implicam na iconicidade manifestada:

Iconicity is also systematically displayed quantitatively, i. e., full reduplication represents such notion as repetition and continuity; partial reduplication represents a longer duration of the event described by lengthening the word; and the syllable extension process also represents a longer duration of the event by adding a syllable. (p. 341)

Cruz (2000b) considerou duas características próprias dos ideofones do Português brasileiro: o jogo fonético e a reduplicação: *En fonction de leur comportement nous attribuons deux propriétés caractéristiques aux idéophones en portugais brésilien: le jeu phonétique qui reflète le symbolisme sonore et la reduplication comme une propriété structurale. (p. 84).*

Eis alguns exemplos de reduplicação nos ideofones do Português brasileiro, conforme a tabela abaixo.

Tabela 7 – Exemplos de reduplicação em ideofones do Português brasileiro

Expressão	Contexto
<i>Fifiti</i>	<i>-Tem grande micidade de mapará fifiti no mercado</i>
<i>Humhum</i>	<i>-É uma desculpa pra preguiça dele né tia/ é humhum.</i>
<i>Teitei</i>	<i>-Ele está teitei de açai</i>
<i>Teteé</i>	<i>-Eu pensava que ia morrer, falava coisa teteé.</i>
<i>Hemhem</i>	<i>-Posso contar com a tua ajuda/Hemhem.</i>

Fonte: Cruz (2000b)

Lee (1992) também atestou que a reduplicação é um traço freqüente na estrutura dos ideofones coreanos: *Phonetic play is the utmost intrinsic property of ideophones by which iconic relationship between the referent and the meaning can be achieved. Reduplication is the structural property that ideophones often exhibit. (p. 135).*

Segundo Childs (1994), um tipo de relação icônica é a onomatopéia. Ela é uma forma direta de imitação dos sons da natureza. Ela desempenha a importante função na formação dos

ideofones. Muitos deles têm origem onomatopéica, mas nem todos eles são. O autor, em questão, exemplifica essa iconicidade em línguas africanas, alcançada por meio de onomatopéia, como, por exemplo, aquelas formadas por fricativas labiais, as quais estão associadas ao movimento do ar. No Português brasileiro também existem ideofones que se aproximam. Veja os exemplos das duas línguas na tabela abaixo.

Tabela 8 – Exemplos de ideofones a partir de onomatopéias

Língua	ideofone	Significado	Fonte
<i>Kisi</i>	<i>faka-faka</i>	<i>Movimento rápido</i>	<i>Child (1994)</i>
<i>Hausa</i>	<i>Fir-fir-fir</i>	<i>Esvoaçar das asas</i>	<i>Child (1994)</i>
<i>Português brasileiro</i>	<i>fi-fi-fi-fi</i>	<i>assobio</i>	<i>Simões; Golder (1995). Abaetetuba conta...</i>
<i>Português brasileiro</i>	<i>Fiu</i>	<i>Movimento rápido</i>	<i>Simões; Golder (1995). Belém conta...</i>

O mesmo autor também cita o alongamento icônico que, segundo ele é de um tipo de universal de iconicidade:

A common type of universal iconicity is that associated with expressive lengthening or (unlimited) reduplication common with ideophones. In each case the prolongation represents a lengthy or repeated action or state, in some cases standing in contrast with a non-prolonged form. (CHILD 1994:193)

Veja alguns exemplos:

Tabela 9 – alongamento e reduplicação icônica em ideofones

Língua	Ideofone	Significado	Fonte
<i>Gbaya</i>	<i>fee</i>	<i>Um sopro do ar</i>	<i>Child (1994)</i>
	<i>feee</i>	<i>Um long sopro de ar</i>	<i>Child (1994)</i>
<i>Português brasileiro</i>	<i>gito</i>	<i>pequeno</i>	<i>Cruz (2000)</i>
	<i>gitogito</i>	<i>Muito pequeno</i>	<i>Cruz (2000)</i>
	<i>fifiti</i>	<i>pequeno</i>	<i>Cruz (2000)</i>

A reduplicação e o alongamento, assim como a iconicidade, podem ser encontrados em outros lugares, nas diferentes línguas, mas simplesmente são mais comuns em ideofones. Isso justifica a importância deste fenômeno para a compreensão do assunto em questão. Não demos deixar de lado uma característica considerável, se não fundamental para o entendimento do que realmente é um ideofone, e mais, saber indicar precisamente o seu lugar na língua e conquistar a sua merecida posição nos estudos Lingüísticos. Este trabalho almeja dar uma parcela de contribuição para esta conquista, e, para isso, contou-se com os procedimentos descritos no próximo item.

CAPÍTULO II

2. METODOLOGIA

2.1. O escopo do trabalho

Os estudos descritos anteriormente propuseram-se a verificar o processo ideofônico (Wescott (1973); Samarin (1991); Lee (1992); Childs (1994); Cruz (1994, 1996, 2000)). Percebe-se que o assunto não se esgotou aí, e outros horizontes se vislumbram e dúvidas surgem. São justamente essas pistas, deixadas por esses estudos, que configuram o escopo do presente trabalho, que busca estudar o ideofone a partir de dados do Português brasileiro, mais especificamente do Pará.

Nessa perspectiva, o objetivo geral é descrever as construções ideofônicas que surgem no falar paraense, levando em consideração antes de tudo a sua pura realização na língua. E os específicos são: a) identificar as construções ideofônicas no *corpus* que este trabalho contempla; b) caracteriza-las inicialmente quanto a sua categoria sensorial preferencial, se visual, auditiva, tátil, emotiva ou locomotiva; c) verificar o comportamento de formação das construções em questão, verificando se é a reduplicação ou o jogo fonético a configuração mais característica da estrutura morfológica das mesmas; d) constatar se os ideofones encontrados por Cruz (2000) são identificados em mais de uma forma de “falar” da região amazônica, apurando se são, como a referida autora afirma, marca da identidade lingüística da

variedade falada pelas comunidades negras da Amazônia; e, por fim, e) as categorias gramaticais assumidas no contexto oracional.

Para alcançar tal objetivo, faz-se necessária a participação de falantes do Português brasileiro, pois, e nele e por causa dele que a língua se manifesta, e na língua que também se identifica a identidade multicultural desse falante. Pensando dessa forma, elaborou-se um teste de percepção onde os mesmos manifestarão o seu conhecimento e opinião sobre as construções em questão. Desse teste busca-se: a) verificar se as construções são reconhecidas pelos falantes de mais de uma variedade lingüística do Português brasileiro; b) verificar se os falantes apenas conhecem ou se usam efetivamente essas construções; c) saber em que situação de comunicação eles mais utilizam essas construções; d) verificar a frequência de ocorrência de ideofones nas diferentes situações de comunicação.

2.2. Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em várias etapas. Primeiramente, foi conduzida a colata de dados que compõem o *corpus* deste trabalho. Posteriormente, foi efetuado um levantamento sobre o estado da arte referente ao conteúdo científico existente acerca de simbolismo sonoro e de ideofone.

Os dados levantados por meio de pesquisa em diferentes fontes, estes foram organizados em uma planilha do *Excel*, em ordem alfabética, na coluna esquerda e na direita, o contexto frasal em que foram encontrados (ver Lista1 na pág. 52). Assim organizados, se procedeu a transcrição fonética³ de cada construção, a identificação da variedade linguística em foi encontrada e fonte. Além disso, uma primeira triagem e classificação dos mesmos foram elaboradas, quanto às categorias sensoriais representadas e funções gramaticais exercidas.

Os dados, descritos de forma detalhada, foi feito um levantamento de informações sobre esses dados a partir da visão de seus próprios usuários. Para isso, utilizou-se o teste de percepção que será apresentado detalhadamente mais adiante.

O *corpus* utilizado para o desenvolvimento do presente trabalho é composto, em parte, por dados do corpus do projeto “Vozes da Amazônia: corpus oral e fala espontânea”, dele foram utilizadas 30 (trinta) horas de fala espontânea, gravadas em trabalho de campo nas comunidades localizadas na região do Baixo Tocantins, entre 1994 – 1996 (CRUZ 2000); é composto também por dados coletados em observação direta; dados coletados por Cruz (2005) no corpus do IFNOPAP⁴, composto por narrativas orais de falantes nativos dos

³ O alfabeto utilizado para a transcrição fonética e o Alfabeto SAMPA, em anexo encontra-se uma lista de símbolos.

⁴ Projeto “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense”, Coordenadora Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Simões.

municípios de Belém, Abaetetuba e Santarém; e dados do falar de Limoeiro do Ajuru (GONÇALVES 2003); fontes em Línguas Indígenas e outras fontes.

2.2.1. *Continuum* tipológico

Elaborou-se, também, um *continuum* onde se busca localizar as construções ideofônicas no português brasileiro. A idéia do *continuum* tipológico surgiu a partir: da sugestão de Fordyce (1988), do levantamento bibliográfico feito sobre os ideofones em outras línguas, e das conclusões parciais retiradas do estudo de Cruz & Fernandes (2004), onde se observou a elasticidade do comportamento dos ideofones do Português brasileiro. A intenção é elaborar uma apresentação dos tipos de ideofones existentes no Português brasileiro dentro de uma linha onde os mesmos são distribuídos de um extremo ao outro levando em consideração o seu comportamento na língua. A proposta é que seja um *continuum* que represente o típico comportamento dos ideofones, e não algo que venha impor ou representar um comportamento universal.

Do Simbólico ao Lingüístico

Como foi dito anteriormente, as conclusões parciais descritas por Cruz & Fernandes (2004) também motivaram a idéia de elaboração do *continuum*, pois foi a partir delas que alguns questionamentos surgiram, questionamentos esses que giram em torno principalmente do comportamento das construções ideofônicas, e que não poderiam ser deixados de lado senão teríamos um estudo incompleto.

Nessa continuação dos estudos buscou-se elaborar uma escala em que é possível acompanhar os diferentes comportamentos que as palavras expressivas do português brasileiro podem assumir, levando em consideração as categorias melhor representadas,

observando, por exemplo, se uma mesma expressão passa de uma situação para outra de acordo com a situação ou variedade lingüística em que são encontradas. A primeira proposta se encontra abaixo:

Escala 02 – Localização dos ideofones numa adaptação da escala de Fordyce (1988).



A escala acima representa um *continuum* que vai de um extremo em que se localizam as formas onomatopéicas, portanto, o nível puramente icônico; logo após tem-se o nível simbólico, neste ponto da escala localizam-se as construções ideofônicas; em outro ponto encontra-se o nível discursivo, neste se encaixam os marcadores conversacionais; e, finalmente, até o outro extremo em que se localiza o nível puramente lingüístico, no qual se encontram as formas lexicais que fazem parte do vocabulário do Português brasileiro.

A escala é uma alternativa sugerida para mostrar a situação em que as construções coletadas e tratadas como ideofones inicialmente, se encontram verdadeiramente no Português brasileiro, essa alternativa está baseada nos trabalhos de Cruz (1994, 1996, 2000a e 2000b) e de Cruz & Fernandes (2004a, 2004b).

O objetivo dessa escala é visualizar se as construções identificadas inicialmente como ideofones podem passar de uma localização para outra, na escala, de acordo com a situação e/ou variedade lingüística em que é encontrada. A seguir, estão todos os dados coletados, para esse trabalho, organizados em uma lista em ordem alfabética.

Lista 1 – Lista geral de dados para análise

Lista de dados	
DADO	Contexto frasal de realização
1. AH-AH-AH	<i>Com dois anos tu voltas, ah-ah-ah! Com dois anos tu voltas.</i>
2. AAAMMM	<i>Aí, de repente eu senti aquela... aquela zoadada, aquela coisa, aaaam</i>
3. AH... AH...AH...AH...	<i>Não demorou muito aquilo: Ah... Ah... Ah... Ah... Ah... Ai! Calado... Estava calado, a noite.</i>
	<i>Ah... Ah... Ah... Ah... Ah... Ai! No toco do pau que nós estávamos, o pau tremeu assim.</i>
4. ALOCER	<i>- eu gosto de dormir alocer</i>
5. AM	<i>- ...ham?</i>
6. AHAM	<i>- ...junto com a tecnologia...e a escola percebeu que ela parou...né? - Aham</i>
7. BAH	<i>-A pedra: bah! -Aí ele puxou o pote com toda sustância e deu na cabeça do homem, bah!</i>
8. BABABÁ	<i>- ...eu não sei o quê e bebebê, e bababá.</i>
9. BACU	<i>- ...taquei-lhe na cara dele, pá e eu bacu.</i>

	<i>...ele só deu um pulo, bam e bacu no defunto.</i>
10. BARABADAR	<i>E, aí, ele fez aquele barabadar, (40) de novo, e tornaram a acender a luz.(40) Barulho.</i>
11. BEI	<i>Ei, bei! (13) no chão.(13) Onomatopéia indicativa de corpo pesado caindo no chão.</i>
12. BAIUCA	<i>- ...a baiuca tá igual a do comércio grande.</i>
13. BAM	<i>...ele só deu um pulo, bam e bacu no defunto.</i>
14. BEBEBÊ	<i>- ...eu não sei o quê e bebebê, e bababá.</i>
15. BLABLABLÁ	<i>...Belém é bonita e blablablá...</i>
16. BLANG-BLANG-BLANG	<i>- eu não consegui segurar o cavalo e o cavalo blang-blang</i>
17. BOBOÓ	<i>Nome de uma ilha do Joroça. Trata-se da reduplicação do Vocábulo BOBÓ, de origem Africana. (comida).</i>
18. BOBOCA	<i>- Agora eu fui uma boboca que não quis aprender nada dessas coisas</i>
19. BOLOLO	<i>- vai dá um bololo</i>
20. BOROCA	<i>- ...minha tia entre. Lá ela entrou, baixou a boroca.</i>
21. BUMBA	<i>- bumba meu boi</i>
22. BLÉM, BLÉM	<i>Ele saiu blém, blém (9), espiando um toco.(9) Onomatopéia para indicar barulho do pote balançando, pendurado na mão do “compadre</i>
23. CABOOO	<i>Só um barulho pra lá: cabooo, cabooo, cabooo. (48)(48) Ruído dos braços sobre a água no ato de nadar.</i>

24. COCOCOCOCOTRUM	<i>Aí ela passou perto de mim e fez cococococotrum. Então eu disse assim:</i>
25. CHÓO...	<i>Aí, aquele bicho veio para ela assim, já no escuro, que ela não via nada, só via aquilo: [chóo...! chóo...!] Maria! Maria! Oh! Maria.</i>
26. CHEAAEA	<i>Quando o pessoal viu, só o rebojo lá fora, sabe: aquele negócio cheeaaea..., sabe?</i>
27. CHA,CHA	<i>Tinha um chocalho que fazia, [cha, cha].</i>
28. CHUAAR...	<i>Boto pra lá, boto... chuaar...(11). Boto pra lá, boto pra cá... e eu muito chateado com aqueles botos</i>
29. CHIL	<i>[Chil!...] Sumiu. Que ela ficou presa lá na loja.</i>
30. CHUIU, CHUIU	<i>Passei pra canoa dele e ele chuiu, chuiu (14), remando, remando .</i>
31. CIRIMBABU	<i>- umbora comer um cirimbabu desse</i>
32. CRAAA!CRAAA	<i>Ele chegou e fez CRAAA! CRAAA! Trepou num pau e me olhou de lá e tornou a gritar CRAAAA! Bateu pra descer para baixo, de cabeça pra baixo</i>
33. CRIIII, CRIIII	<i>No primeiro dia, de madrugada, cantava um bicho, assim, pra banda da serra. Fazia: Criiii! Criiii! Criiii!- Que troço é esse, que grita?</i>
34. CRÓ	<i>O nego veio, assim, e a moça: ê, ê, ê, ê... Eu soltei o pau na venta do nego. Fez cró. O negou nem terminou o grito, pegou de volta.</i>
35. DISMANCHU	<i>- o desmancho deixou este pequeno amarelo</i>
36. DRIDRIDRI	<i>-...ele com o defunto na...no ombro e dridridri e ele</i>

	<i>atrás.</i>
37. EEEEIA	<i>Tornou de novo: eeeia... Aí, ele respondia, também;</i>
38. ÊÊÊÊ	<i>O nego veio, assim, e a moça: ê, ê, ê, ê... Eu soltei o pau na venta do nego. Fez cró. O nego nem terminou o grito, pegou de volta.</i>
39. FIII	<i>Eles já estavam lá, na espera. Quando eles viram:- Fiii... (44)(44) O informante imita o assobio do boto.</i>
40. FIFITI	<i>Mapará fifiti</i>
41. FRIFIOCA	<i>- ...deixa de frifioca</i>
42. FRUFRU	<i>- quando ele saiu, ele fez frufriu</i>
43. FU,FU	<i>Ele começou; fu; começou a soprar pro meu lado, fu, fu.</i>
44. FU	<i>Aí, ele... Da casa disseram assim: e [fu] a mulher dele:</i>
45. FIL...	<i>Ela não via o bicho. Aí, ela montava e [fil...!] por dentro do buraco de novo.</i>
46. GITO	<i>- minha teve nove filhos, um morreu gito logo que nasceu.</i>
47.	<i>Eu vi um passarinho jito, jito</i>
48. HAM	<i>- ham?</i>
49. HEM,HEM	<i>- hem, hem</i>
	<i>- em compromisso? - hem, hem</i>
	<i>- Eu trouxe pra cá com nós. Hem, Hem!...</i>
50. HUM	<i>- Dá pouco? Hum?</i>

	<i>- tu já vieste? - Hum? - ele não respondeu?</i>
	<i>Os filhos deverão satisfazer o amor para com sua mãe e com seu pai, hum?</i>
	<i>Aí, ela disse:[- Hum...] É segredo.</i>
	<i>Ela dizia assim:- Hum! Está... Hum...</i>
	<i>-É mais gostoso ainda né? - Hum/ Aqui perto? Hum, aí no Polo</i>
51. HUM, HUM	<i>- o inverno é brando na chuva né tia? - hum, hum,hum</i>
	<i>- é uma desculpa pra preguiça dele né tia? É hum, hum</i>
	<i>- começa a se espalhar né? - hum,hum</i>
	<i>- hum, hum</i>
	<i>[...] Tu já viu lírio?(- hum! Hum!)</i>
52. HUMHUMHUMHUM	<i>Quando ele chegou em casa, aí, ele escutava, lá pro quarto da mãe dele:- Hum, hum, hum, hum...</i>
53. ISCABRIADO	<i>- O João já está iscabriado dessa mulher</i>
54. MULAMÁ	<i>- esses outros estão pro centro, mulamá eles traziam a farinha.</i>
55. MALAMÁ	<i>- Eu vou pedir para tua tia fazer um chá malamá doce</i>
	<i>- agora malamá a vespera.- Eu vou pedir para tua tia fazer um chá malamá doce</i>
56. MUQUÉM	<i>- ...tira já o peixe do muquém.</i>
57. Ô,Ô,Ô,Ô	<i>Apertei, prendi a respiração pra ouvir bem: ô, ô, ô,</i>

	<i>ô... Aquilo era certo no caminho onde eu tinha seguido de tarde, pra buscar lenha.</i>
	<i>Aí, continuou: ô, ô, ô, ô... Ia aumen</i>
	<i>O negão, quando via a cruz virava pra trás e: Ô, Ô, Ô, Ô, Ô... e corria, de novo.</i>
	<i>Oh, ôôôôôô, diabo!</i>
	<i>De repente: ô, ô, ô, ô, ô... Peguei a porronca, apaguei.</i>
	<i>Correu pelo caminho. Quando chegou perto do velho: Páaa. Ele só esperneou um bocado.</i>
58. ÔPA	<i>- Ôpa! Papai está aqui. É pra desenterrar fortuna?</i>
59. Ó	<i>Chegaram lá, empacotaram tudo num paneiro, empalharam e embarcaram a bagagem, e ó (36)(36) Expressão acrescida de gesto indicativo de saída rápida.</i>
60. PÁAA	<i>Agora, quando passou perto de um... bateu o chumbo: páaa...! (45)(45) Equivale ao estouro do tiro de espingarda.</i>
61. PÁ	<i>- ...ele correu, eu me joguei em cima do pau, em cima dele pá.</i>
	<i>- ...taquei-lhe na cara dele, pá e eu bacu.</i>
	<i>- ...pá conversa vai, conversa vem.</i>
	<i>-...arrastou na cabeça da velha pá , tchão.</i>
	<i>-...assim aí fizeram aquela briga, aí pá.</i>
	<i>-...comigo é assim pá na hora.</i>

	<i>Ele pegou, cortou; [pá]. Passou. Quando veio a segunda, ele; [pá], cortou. Passou. Que veio a terceira, rente o céu, ele risco; [pá] e ela pulou. Ela abraçou ele e disse:</i>
	<i>E olha [pá] (40) pra casa dele. E deixou eles.(40) Faz ruído e gesto como indicador de retorno à casa.</i>
	<i>Ele, pá, atirou, O Veado morreu.</i>
	<i>Aí, pá, pá (33), mais perto:(33) Onomatopéia que indica o som dos passos no chão.</i>
	<i>Passou a espada, pah! Ele caiu.</i>
	<i>Chegava a noite eu pah! (5) dormia até de manhã.(5) Onomatopéia que indica intensidade.</i>
62. PÁ,PÁ,PÁ	<i>Ela viu aquela pessoa batendo na porta: pá, pá, pá... bateu na porta.</i>
63. PAAAA	<i>Ia passando, ele botou-lhe o tiro (57). Foi paaaá.(57) O informante fez gestos interessantes a essa altura da narrativa</i>
64. PATCHIBUM	<i>Quando ele falou assim, ele só viu a tábua pegar na cara dele e caiu – patchibum! – na água. Ele não saiu mais da água. Ele queria embarcar e aquilo dava pancada nele.</i>
65. PAHH	<i>Que quando ele chegou no meio do caminho. [Pulou: pah!] digo, foi quando ela pulou no meio do caminho, pulou pah! (4)(4) Onomatopéia para indicar o forte barulho de algo pesado que cai no</i>

	<i>chão.</i>
66. PRA,PRA	<i>Eu vi aquele movimento vindo embaixo, sabe. Era uma montaria, com gente, era, e metia o remo, pra, pra (26), na água.(26) Onomatopéia indicativa do barulho do remo na água</i>
67. PAROCA	<i>- eu já fui lá na casa...na paroca dele, um dia</i>
68. PA,RA,RA,RA,RA	<i>Então ele fazia um jeito, assim, com a cabeça e batia assim: pa, ra, ra, ra, ra, ra.</i>
	<i>Eu estou certo: chegou a se ouvir aquilo bem perto: pa, ra, ra, ra, ra, ra, bem perto, sabe?</i>
	<i>Fazia assim: pa, ra, ra, ra, ra, ra.</i>
69. PEI	<i>Aí pei! Rap... Quando ele pensou que não, era tatu, era veado, era paca, era tudo. [...]</i>
70. PI	<i>- ...arrodiavam por aqui e pi, pi, pi, pi iam se acabando aqui pra baixo...</i>
71. PLAM	<i>- eu dei um murro nele e ele plam</i>
72. PLOFT	<i>-...o comandante deu um ploft nele...</i>
73. POXOCA	<i>- ...leva esta poxoca daqui.</i>
74. PU	<i>-...você assaltou meu irmão, você...sei que pu batia.</i>
75. PUCURU	<i>- u pucuru pra fazer o chá</i>
76. PUF	<i>-...dá-lhe uns puf nele.</i>
77. PUM!!!	<i>Nessa hora, diz que foi um estouro medonho: Pum!!! Aí, pronto, virou só uma fumaça. Se acabou tudo.</i>
78. PUM-PUM-PUM/ PA-PA-PA	<i>- eu pum, pum, pum/ pa, pa, pa nele</i>
79. PUNF	<i>-...o carro veio e punf bateu.</i>

80. QUERÊ-QUERÊ	- <i>Querequexé de bambu, queré-queré, queré-queré, queré-queré, queré-queré, queré-queré, queré...mas era bonito.</i>
81. QUIPROCÓ	- <i>teve maior quiprocó na casa dela ontem</i>
82. QUIRIRIM	- <i>o dia hoje tá quiririm</i>
83. RITE	<i>Armou a hástrea, quando o boto saiu assim: ele rite... (51) O boto foi embora...(51) Trata-se de uma expressão onomatopaica, que, em geral, se faz acompanhar de gesto indicativo de deslocamento rápido.</i>
84. RO,RO,RO, RO, PA,PA	<i>Diz que era lindo o João e a Joana! Que não tinha na roda do sol [ro, ro, ro, ro. Pá, pá] (41) de lindo eles!(41) A informante ri e faz gestos com a mão.</i>
85. TCHAAA	<i>Correu. Direito pegou o bico de águia, tchaaa! (46) Levou com linha e tudo o irmão dele... tchaaa!(46) Barulho do corpo em atrito com a água.</i>
86. TAPOOO	<i>Chegou e caiu na água: tapooo (47)... E não viram mais.</i>
87. TÁ	- <i>e pega o revólver e tá, tá, tá, tá, tá.</i>
	- <i>...ele foi pra baixo numa festa e aí veio, tá, tá, tá, assobiando e ali se escondeu.</i>
	- <i>daqui vai pro coração tá, tá, tá e pronto.</i>
88. TAÍ	- <i>Mas ela ficou toda tai-tai, o corpo dela todo tai</i>
89. TAI-TAI	- <i>...um branco a modo misturado com sangue a modo tai-tai.</i>
90. TCHÁ,TCHÁ	<i>Passou a mão num terçado e cortou em cruz. Fez</i>

	<i>cruz na água, [tchá, tchá], e o botos saíram bufando rio acima.</i>
91. TCHÃO	<i>-...arrastou na cabeça da velha pá , tchão.</i>
92. TCHECK	<i>-...leite do gado no arroz, farinha e tcheck, tcheck.</i>
93. TCHUM	<i>- ...pulou n'água ele, o doido tchum atrás.</i>
	<i>-...esses dois parceiros se jogaram na água tchum aí ele se jogou atrás</i>
	<i>Aí fui amassar, parece que deu até um jeito na cabeça do homem, que estalou: [thum!].</i>
	<i>-...bem ali eu corto e tchum.</i>
94. TEBA	<i>- Ele virou agora um teba de homem</i>
95. TEBEI	<i>...quando ela viu foi só quando ele se jogou tebei./ - ...até que ele escapoliu e ... Tebei</i>
96. TETEÉ, TEÉTEÉ	<i>- eu pensava que ia morrer, falava coisa teteé Sem exemplo</i>
	<i>- ...minhas tias trabalhavam pro Moju ... eu ficava teteé rolando.</i>
97. TEUTÉ	<i>- ...eu tu jugada teuté meu amigo velho.</i>
98. TEITÉ	<i>- Vê se eles gostem que a gente tire o deles. Ela ainda ri teité</i>
99. TEITEI	<i>- Ele está teitei de açáí</i>
100. TIBUM, TIBUNGO	<i>- ele caiu tibum na água</i>
101. TRUC,TRUC,TRUC	<i>Passado o tempo, já mais ou menos meia-hora, uma hora, eles voltaram correndo, correndo: truc, truc, truc.</i>

102. TIÁÁÁ	<i>Botou – tiááá (50).(50) O informante usou o verbo “botar”, por “arpoar” e o seguiu de uma onomatopéia que, segundo ele, equivaleria ao somo do arpão.</i>
103. TROC,TROC, TROC	<i>Quando ele deu, lá vem, troc, troc, troc...</i>
104. U	<i>- ...está aparecendo u daquela espininha.</i>
105. UHUM	<i>- ...não existe mais a seriação. - Uhum</i>
106. VIU...!	<i>- Feche o olho! [Viu...!] (13) por dentro do buraco. Quando ela...(13) [Viu...!], [fil...!]: onomatopéia que denota movimento veloz. É seguida de gesto: a informante levanta o braço direito e mergulha no ar.</i>
107. VUM	<i>Aí ela pegou... Aí ela viu aquilo fazer vum... Assim, em cima da mesa.</i>
108. VAP, VAP	<i>Quando eu cheguei numa certa mediação, escutei o grito, ai, ai, ai, ai e vap, vap, batendo.</i>
109. XIMBANTE	<i>- ...minha filha está muito xibante.</i>
110. XUUUM	<i>Peixe, pirarucuzão, xuum..</i>
111. ZUM,ZUM,ZUM	<i>Quando ele ouviu assim, ele ouviu conversar: “zum, zum, zum...”, ele só escondeu atrás de uma sapopema, de um pau.</i>

2.2.2. Teste de percepção e sua aplicação

Uma nova exigência se apresenta como aprofundamento e ampliação nos estudos sobre o fenômeno do Simbolismo sonoro no Português brasileiro. Esta fase de aprofundamento é especificamente direcionada para o reconhecimento de formas ideofônicas no português regional paraense por falantes de diferentes regiões do Estado do Pará.

Trata-se precisamente da aplicação de um teste de percepção. O teste foi aplicado com falantes nativos do português regional paraense, de modo a alcançar os seguintes objetivos: (i) fazer um levantamento mais acurado do fenômeno em questão no português regional paraense; (ii) fazer o reconhecimento de formas ideofônicas no português regional paraense, (iii) verificar a taxa de ocorrência de formas ideofônicas no português regional paraense na modalidade oral e escrita.

Cruz & Fernandes (2004) verificaram que uma característica em comum existe entre o comportamento do fenômeno no Português brasileiro e outras línguas naturais, como em: (i) bengali (Dimock 1957), (ii) coreano (Lee 1992), (iii) variedade do inglês falado em Singapura (Lim 1998), (iv) línguas africanas (Takemoto 1998, Child 1994 e Doke 1935); Foi dectado que:

... estudos anteriores delinearão características dos ideofones em várias línguas como o coreano (Lee 1992), japonês (Takemoto 1998), crioulos do atlântico (Bartens 2000), africano (Child 1994) e inglês (Lim 1998). Entre as já citadas está evidente a preferência de utilização de ideofones na comunicação oral. (...) percebe-se que os ideofones do PB apresentam essa mesma característica. (CRUZ & FERNANDES 2002: 8)

Após a análise dos dados e a conseqüente descoberta dessa possível universalidade entre o ideofones de diferentes línguas, a preferência pela modalidade oral, é que urge ratificar com os próprios falantes da língua se essa característica procede, e se há outra possibilidade de interpretação das construções em estudo. O objetivo é cruzar as informações cedidas pelos próprios dados com as informações dadas pelos usuários da língua.

A utilização do teste tornou-se importante por ocasião da ocorrência de construções semelhantes às construções identificadas como ideofones do Português regional paraense, fazendo parte do vocabulário de línguas indígenas da família Tupi (Tabela 2).

Espera-se que com o teste de percepção obtenham-se mais informações acerca do comportamento, do processo de formação e da origem das construções identificadas, para que se possa de fato definir a posição dessas construções na língua.

De todos os dados que se configuraram como base para a descrição do processo de formação de ideofones no Português brasileiro dos trabalhos de Cruz & Fernandes (2004) e que já foram analisados pelos falantes em uma aplicação experimental do teste de percepção, nesta nova etapa, serão submetidos a análise por um número maior de sujeitos.

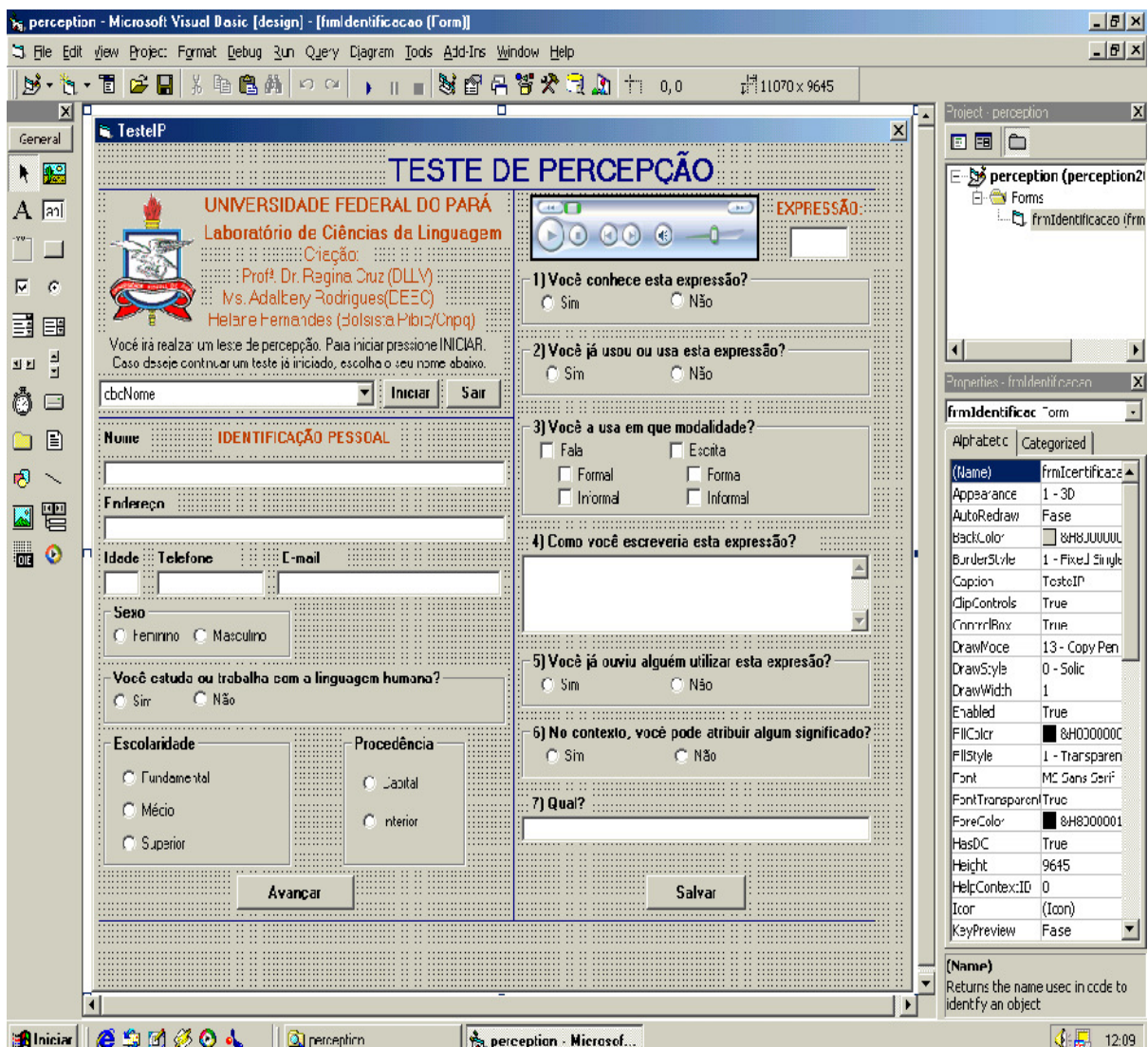
Passaremos agora para a descrição de todo o processo de elaboração e aplicação do teste.

Protocolo de experimental

Por meio de um SOFTWARE, os dados selecionados foram submetidos à percepção de falantes do Português brasileiro que forneceram informações sobre as construções indicadas, com base em um questionário previamente elaborado.

Para a construção do *Software* elaborado para a pesquisa, foram utilizados os programas *VisualBasic* e *Access*. O *Software* foi concebido juntamente com Ms. Adalbery Castro (Doutorando do Programa de Engenharia Elétrica). Ver abaixo a visualização do teste em momento de elaboração (figura 2).

Figura 2 – Teste em elaboração



Um esquema mostra como o teste funciona. Perguntas e respostas foram relacionadas de forma que uma determinada resposta solicite uma outra questão ou campo para escrita. A cada entrada de um novo sujeito é formado um banco de dados com informações cedidas, ao final do preenchimento do questionário, o programa gera um arquivo de banco de dados (.mdb) com as respostas de cada sujeito contendo as informações utilizadas na análise.

Para a aplicação do teste de percepção foram selecionados 9 (nove) dados (cf. tabela 15) para serem observados. Esses dados se apresentaram primeiramente isolados e posteriormente dentro dos enunciados em que figuram no corpus original.

Um falante nativo da variedade ABP (Português Afro-brasileiro) gravou cada dado. Este falante é do sexo masculino, nível superior e tem 22 anos de idade. A opção por este perfil foi motivada pela necessidade de uma neutralização das variedades no momento de gravação e pelo conhecimento da pronúncia correta dos termos tanto da variedade ABP quanto das variedades não ABP.

Falantes de procedência do interior do estado do Pará, falantes da variedade ABP (Português Afro-brasileiro) e de outras comunidades de fala do Pará participaram como sujeitos do teste.

Procedimentos

O sujeito que participou do teste preencheu primeiramente um formulário eletrônico que solicitava informações pessoais relevantes para a pesquisa, essa foi a forma encontrada para localizá-los, se necessário; e também para registrar o perfil caso seja levantada a idéia de fazer justamente uma caracterização desses sujeitos que participaram do teste. Foi uma forma de resguardar a pesquisa de qualquer eventualidade.

Questionário 1 – Dados pessoais

Dados pessoais dos sujeitos	
<i>Nome</i>	
<i>Endereço</i>	
<i>Telefone</i>	<i>e-mail:</i>
<i>Idade</i>	<i>Escolaridade:</i>
<i>Sexo</i>	
<i>Procedência</i>	(<input type="checkbox"/>) <i>Interior</i> (<input type="checkbox"/>) <i>Capital</i>
<i>Estudante ou profissional de Letras</i>	(<input type="checkbox"/>) <i>Sim</i> (<input type="checkbox"/>) <i>Não</i>

Depois do preenchimento deste primeiro questionário, o sujeito escutou duas vezes a pronúncia de uma determinada construção, isoladamente. Logo após ele escutou duas vezes a mesma construção dentro de um contexto lingüístico, o mesmo que configura no *corpus*.

Após a escuta o sujeito preencheu outro questionário eletrônico a respeito do que ele sabia sobre a construção.

Para que a alcançássemos os nossos objetivos, direcionamos os sujeitos a responder o seguinte questionário, e para facilitar apresentamos a eles as possibilidades de respostas.

Questionário 2 - Perguntas e respostas do teste de percepção

Perguntas	Respostas
<i>Você conhece esta expressão?</i>	<i>Não/Sim</i>
<i>Você já usou ou usa esta expressão?</i>	<i>Não/Sim</i>
<i>Você usa em que situação?</i>	<i>Fala (formal ou informal)/escrita</i>
<i>Como você escreveria essa expressão?</i>	<i>Campo para escrita</i>
<i>Você já ouviu alguém usar essa expressão?</i>	<i>Não/Sim</i>
<i>Pelo contexto você atribui algum significado a este termo?</i>	<i>Não/sim</i>
<i>Qual?</i>	<i>(campo para escrever)</i>

Todo esse procedimento, exceto o de preenchimento do formulário de dados pessoais, é realizado novamente a cada construção dada, ou seja, o sujeito responde as mesmas questões só que acerca de um novo dado.

Ao finalizar do questionário, o sujeito aciona um botão de finalização de etapas que, automaticamente, armazena todas as informações dadas sobre as construções em estudo e sobre as suas informações pessoais. Os arquivos que gerados pelo comando de finalização se configuraram base para a análise. A seguir a visualização do arquivo contendo os dados para análise.

Figura 3 – Janela de dados

Microsoft Access - [Sujeito : Tabela]

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Ferramentas Janela Ajuda Digite uma pergunta

	CodSuj	Nome	Endereco	Telefone	Idade	Email	Sexo	Linguagem
+	13	francis mary rodr	rua frederico sc	(91)2442020	29	francismaryrodr	F	S
+	14	Tatiana Rodrigu	Conjunto Cidad	263-4999	23	tatiana.marcal@	F	N
+	15	inirianblanco	Rua tupinambá:	2711315	23		F	N
+	16	antônia fernand	conjunto cidade	96329863	18	bonecananda@	F	S
+	17	nilberto sousa ç	AL. SAÃO PEDF	2754450	20	NSGEO@IBES	M	N
+	18	jailma do socor	Rua do fio, 302	88217838	26	jailmabulhoes@	F	S
+	19	helen dos sa	rua Domingos r	2264622	17		F	N
+	20	odimar do carm	Bosque aragua	8814-2083	30	odimarmelo@b	M	N
+	21	Tiago de Aousa	passagem cose	96321831	21		M	N
-	22	ADRIANA HELC	CONJ.CARMELO	2792419	21		F	N

	CodPer	CodExp	Conhece	Usa	ModalidadeF	ModalidadeE	SituacaoFF	SituacaoFI	SituacaoEF	SituacaoEI
	135	1	S	S	S	N	N	S	-	-
	136	2	N	-	-	-	-	-	-	-
	137	3	S	S	S	N	S	N	-	-
	138	4	S	S	S	N	N	S	-	-
	139	5	S	S	N	S	-	-	N	S
	140	6	N	-	-	-	-	-	-	-
	141	7	N	-	-	-	-	-	-	-
	142	8	N	-	-	-	-	-	-	-
	143	9	S	S	S	N	N	S	-	-
	144	10	N	-	-	-	-	-	-	-
	145	11	N	-	-	-	-	-	-	-
	146	12	N	-	-	-	-	-	-	-
	147	13	S	S	S	S	N	S	S	N

Registro: 1 de 18

Modo folha de dados NUM

Windows Taskbar: Iniciar, perception, Microsoft Po..., Helene : Ban..., Sujeito : Tabela, PT, 09:55

Visualização do teste pronto para execução.

Figura 4 – Janela do Teste de Percepção

TESTE DE PERCEPÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
Laboratório de Ciências da Linguagem
 Criação:
 Prof. Dr. Regina Cruz (DLLV)
 Ms. Adalbery Rodrigues (DEEC)
 Helane Fernandes (Bolsista Pibic/Cnpq)

Você irá realizar um teste de percepção. Para iniciar pressione INICIAR. Caso deseje continuar um teste já iniciado, escolha o seu nome abaixo.

Nome:

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Endereço:

Idade: Telefone: E-mail:

Sexo: Feminino Masculino

Você estuda ou trabalha com a linguagem humana? Não Sim

Escolaridade: Fundamental Médio Superior

Procedência: Interior Capital

EXPRESSÃO: 1/13

1) Você conhece esta expressão?
 Não Sim

2) Você já usou ou usa esta expressão?
 Não Sim

3) Você a usa em que modalidade?
 Fala Escrita
 Formal Formal
 Informal Informal

4) Como você escreveria esta expressão?

5) Você já ouviu alguém utilizar esta expressão?
 Não Sim

6) No contexto, você pode atribuir algum significado?
 Não Sim

7) Qual?

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DOS DADOS

A descrição feita aqui se trata do primeiro momento de análise dos dados que foram coletados entre os anos de 2002 e 2006 para o projeto “Vozes da Amazônia” e que hoje também compõem o *corpus* deste trabalho. O resultado dessa primeira análise organiza as construções que, entre as mais de 100, foram coletadas no falar paraense.

De um total de 141 construções, 111 (ver lista na pág. 52) considero aqui, ideofones. Todos os dados foram descritos levando em consideração:

1. a transcrição fonética: baseada na pronúncia realizada no momento de registro ou de transcrição fornecida indiretamente, o alfabeto utilizado, para fazer essa transcrição foi o SAMPA;

2. a fonte: Fonte bibliográfica da qual foi extraído.

3. o contexto: o contexto frasal no qual foi encontrado.

3. a classe ou função: que assume no contexto frasal em que são encontradas.

4. O sentido/idéia ou sabor/sensação/impressão do falante: que são resgatados na coleta com o próprio falante ou através do contexto oracional, porém, há alguns casos em que o sentido não pode ser resgatado, e assim como a função, o sentido também não é constante.

5. A comunidade de fala: na qual foi encontrado.

6. Situação de fala: que reflete a situação de comunicação de sua realização;

As construções foram analisadas e estão organizadas em ordem alfabética em diferentes tabelas, apresentadas na seguinte ordem, respeitando os objetivos da pesquisa: 1) categoria sensorial (locomotiva, visual, auditiva, e emotiva), 2) formação (jogo fonético, reduplicação, alongamento), 3) comunidade de fala, e 4) categorias gramaticais. A seguir, a análise dos dados e as tabelas.

3. 1. Categoria sensorial preferencial.

Buscou-se verificar qual a categoria sensorial preferencialmente representada pelas construções ideofônicas em questão, e entre as categorias que surgiram, estão: a locomotiva (movimento), a visual, a auditiva e a emotiva (comportamento). A seguir, serão apresentados os dados, distribuídos em tabelas, segundo as categorias que se apresentaram.

Tabela 10 – Dados que expressam movimento/locomoção

DADO	Contexto frasal de realização
1. BAH	<i>-Aí ele puxou o pote com toda sustância e deu na cabeça do homem, bah!</i>
2. BACU	<i>- ...taquei-lhe na cara dele, pá e eu bacu.</i>
3. BEI	<i>Ei, bei! no chão.</i>
4. BAM	<i>-...ele só deu um pulo, bam e bacu no defunto.</i>
5. BLANG-BLANG-BLANG	<i>- eu não consegui segurar o cavalo e o cavalo blang-blanc-blanc</i>
6. BLÉM, BLÉM	<i>Ele saiu blém, blém, espiando um toco</i>
7. CABOOO	<i>Só um barulho pra lá cabooo, cabooo, cabooo.</i>
8. CHUAAR...	<i>Boto pra lá, boto... chuaar... Boto pra lá, boto pra</i>

	<i>cá... e eu muito chateado com aqueles botos</i>
9. CHIL	<i>Chil!... Sumiu. Que ela ficou presa lá na loja.</i>
10. DRIDRIDRI	<i>-...ele com o defunto na...no ombro e dridridri e ele atrás.</i>
11. FU	<i>Aí, ele... da casa disseram assim: e fu a mulher dele:</i>
12. FIL...	<i>Ela não via o bicho. Aí, ela montava e fil... por dentro do buraco de novo.</i>
13. Ô,Ô,Ô,Ô	<i>O negão, quando via a cruz virava pra trás e: Ô, Ô, Ô, Ô... e corria, de novo.</i>
14. Ó	<i>Chegaram lá, empacotaram tudo num paneiro, empalharam e embarcaram a bagagem, e ó (Expressão acrescida de gesto indicativo de saída rápida).</i>
15. PÁ	<i>- ...ele correu, eu me joguei em cima do pau, em cima dele pá.</i>
16. PEI	<i>Aí pei! Rap... Quando ele pensou que não, era tatu, era veado, era paca, era tudo. [...]</i>
17. PI	<i>- ...arrodiam por aqui e pi, pi, pi, pi iam se acabando aqui pra baixo...</i>
18. PLAM	<i>- eu dei um murro nele e ele plam</i>
19. PUF	<i>-...dá-lhe uns puf nele.</i>
20. PUM-PUM-PUM/ PA-PA-PA	<i>- eu pum, pum, pum/ pa, pa, pa nele</i>
21. RITE	<i>Armou a hástea, quando o boto saiu assim: ele rite... o boto foi embora...</i>
22. TCHAAA	<i>Correu. Direito pegou o bico de águia, tchaaa!</i>

	<i>Levou com linha e tudo o irmão dele... tchaaa!</i>
23. TCHÃO	<i>-...arrastou na cabeça da velha pá , tchão.</i>
24. TCHECK	<i>-...leite do gado no arroz, farinha e tcheck, tcheck.</i>
25. TCHUM	<i>- ...pulou n'água ele, o doido tchum atrás.</i>
	<i>-...bem ali eu corto e tchum.</i>
26. TEBEI	<i>...quando ela viu foi só quando ele se jogou tebei./ - ...até que ele escapou e ... Tebei</i>
27. TROC,TROC, TROC	<i>Quando ele deu, lá vem, troc, troc, troc...</i>
28. VIU...!	<i>- Feche o olho!Viu...! por dentro do buraco. Quando ela..Viu...!,</i>
29. VUM	<i>Aí ela pegou... Aí ela viu aquilo fazer vum... Assim, em cima da mesa.</i>
30. XUUM	<i>Peixe, pirarucuzão, xuum..</i>

As construções aqui descritas são evidentemente sonoras, mas, além disso, é adicionado nelas uma outra noção, a de movimento, resgatada no contexto oracional. Elas surgiram na fala em contextos que, na frase, poderiam ser utilizadas palavras que expressassem a sensação de movimento e/ou locomoção ou que estivesse dentro desse campo semântico, como: andar, pular, correr, bater, etc. Porém, o falante opta por utilizar expressões sonoras que substituem essas palavras. São construções sonoras, ou seja, estão associadas a emissão de som, mas não se tratam de onomatopéias, pois não estão simplesmente, imitando um som, mas significando um ato ou um movimento.

Para obter a tradução do significado de uma construção ideofônica, foi necessário levar em consideração, a associação de meios não-lingüísticos como a *Cinesi*, que são atitudes corporais, movimentos, gestos, troca de olhares, mímicas faciais (dolz, j & schnewly, b 1998

in dolz, j & schneuwly 2004: 160) que muitas vezes se realizam concomitantemente a realização ou uso das construções.

Tais construções são, muitas vezes, flutuantes, pois passam de um significado a outro dependendo do seu usuário, do contexto e da intenção comunicativa, por exemplo, é o caso da construção *pa, ta e hum*.

A função ou significação atribuída a cada uma dessas construções não são estáveis, pois dependendo da situação ou da intenção do falante, essas funções ou significados podem sofrer mudanças até imprevisíveis.

Assim como uma mesma construção em algum contexto pode aparecer como ideofone, em outra ela pode ser apenas uma construção onomatopaica. O processo de ideofonização de uma expressão onomatopaica depende do papel desempenhado por ela na oração. Essa determinação é dada pelo falante e não por aspectos estruturais.

Na tabela 11, encontram-se as realizações associadas à categoria expressiva visual.

Tabela 11 – Dados associados à categoria sensorial visual

DADO	Contexto frasal de realização
1. BAIUCA	- ... <i>a baiuca tá igual a do comércio grande.</i>
2. BOROCA	- ... <i>minha tia entre. Lá ela entrou, baixou a boroca.</i>
3. CIRIMBABU	- <i>umbora comer um cirimbabu desse</i>
4. FIFITI	<i>Mapará fifiti</i>
5. GITO	- <i>minha teve nove filhos, um morreu gito logo que nasceu.</i>
6. HAM	- <i>ham?</i>
7. MUQUÉM	- ... <i>tira já o peixe do muquém.</i>
8. PAROCA	- <i>eu já fui lá na casa...na paroca dele, um dia</i>
9. POXOCA	- ... <i>leva esta poxoca daqui.</i>
10. PUCURU	- <i>u pucuru pra fazer o chá</i>

11. QUERÊ-QUERÊ	- <i>Querequexé de bambu, queré-queré, queré-queré, queré-queré, queré-queré, queré-queré, queré...mas era bonito.</i>
12. QUIRIRIM	- <i>o dia hoje tá quiririm</i>
13. TAÍ	- <i>Mas ela ficou toda tai-tai, o corpo dela todo tai</i>
14. TAI-TAI	- <i>...um branco a modo misturado com sangue a modo tai-tai.</i>
15. TEBA	- <i>Ele virou agora um teba de homem</i>

Nesta tabela, estão os dados que têm a referência sensorial visual, pois, essas expressões são construções associadas, por exemplo, a aparência, tamanho, cor, trazendo significados, como: pequeno, velho, avermelhado, etc. A seguir, a tabela 12, traz os dados associados a categoria sensorial auditiva.

Tabela 12 - Dados associados à categoria sensorial auditiva

DADO	Contexto frasal de realização
1. AH... AH...AH...AH...	<i>Ah... Ah... Ah... Ah... Ah... Ai! No toco do pau que nós estávamos, o pau tremeu assim.</i>
2. AHAM	- <i>...junto com a tecnologia...e a escola percebeu que ela parou...né? - Aham</i>
3. BOLOLO	- <i>vai dá um bololo</i>
4. BUMBA	- <i>bumba meu boi</i>
5. 5. CRIIII, CRIIII	<i>No primeiro dia, de madrugada, cantava um bicho, assim, pra banda da serra. Fazia: Criiii! Criiii! Criiii!- Que troço é esse, que grita?</i>
6. HAM	- <i>ham?</i>

7. HEM,HEM	<i>- em compromisso? - hem, hem</i>
8. HUM, HUM	<i>- o inverno é brando na chuva né tia? - hum, hum,hum</i>
9. QUIPROCÓ	<i>- teve maior quiprocó na casa dela ontem</i>
10. TIIIIIIII	<i>Mas olha, nem mucura gritou mais, só aquilo ficava no meu ouvido, tiiiiiiii, fazia assim tiiiiiii, eu lembrei</i>
11. ZUM,ZUM,ZUM	<i>Quando ele ouviu assim, ele ouviu conversar: “zum, zum, zum...”, ele só escondeu atrás de uma sapopema, de um pau.</i>

As construções da tabela 12 expressam, assobio, fala, grito, pergunta, zoada, barulho, confusão, por isso, tem referência auditiva. Passaremos para os dados de referência emotiva, ou seja, que expressam estado e/ou comportamento.

Tabela 13 - Dados associados à categoria sensorial emotiva

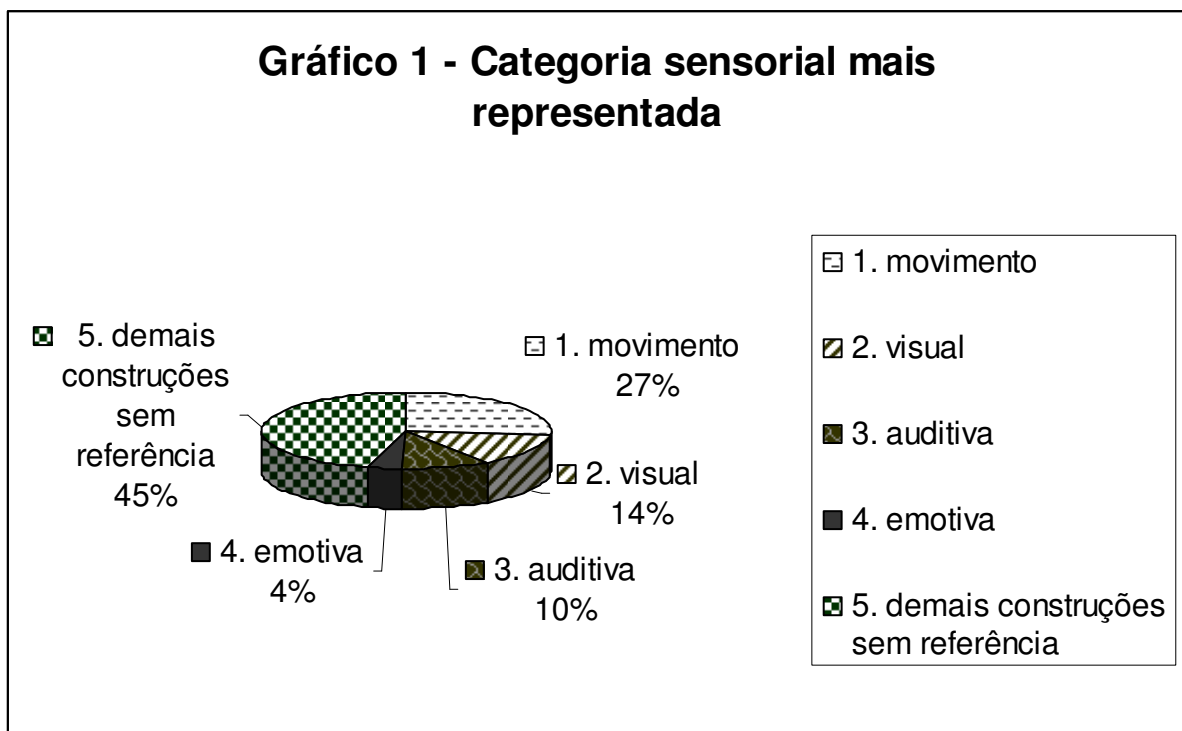
DADO	Contexto frasal de realização
1. ALOCER	<i>- eu gosto de dormir alocer</i>
2. BOBOCA	<i>- Agora eu fui uma boboca que não quis aprender nada dessas coisas</i>
3. ISCABRIADO	<i>- O João já está iscabriado dessa mulher</i>
4. XIMBANTE	<i>- ...minha filha está muito xibante.</i>

As construções da tabela 13 trazem significados de comportamento, estado ou atitude, como; desconfiado, desanimado e exagerado. Porém, há o caso de algumas construções que não se encaixam em nenhuma dessas categorias sensoriais como:

Ex. : ‘blablaba’

‘parará’

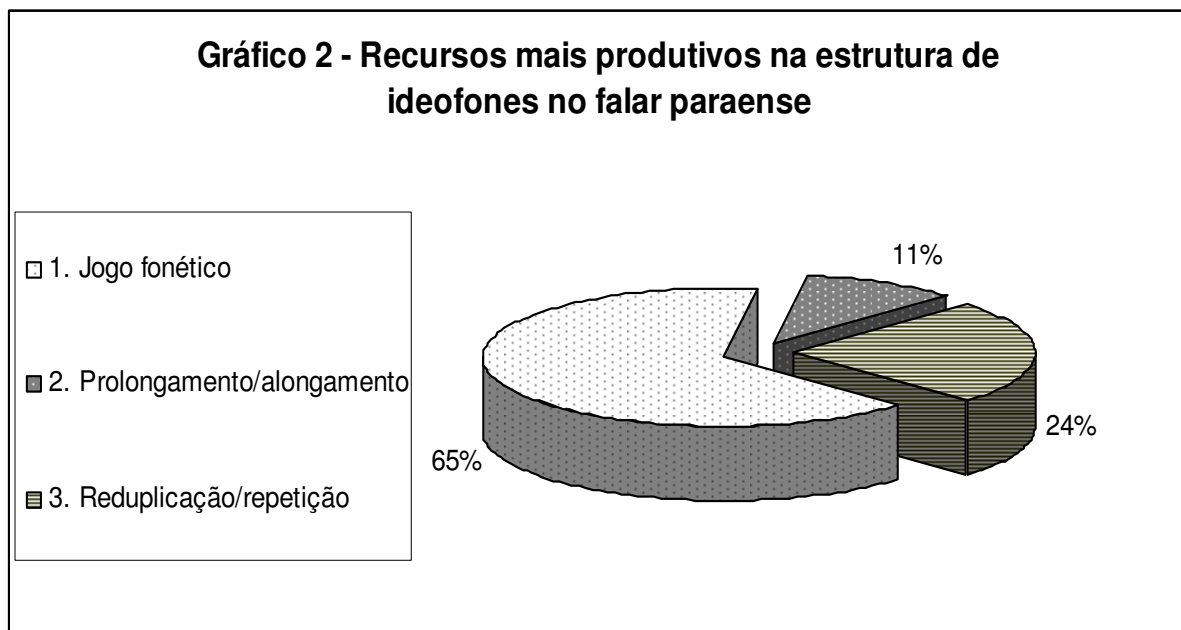
Abaixo, se apresenta o número de ideofones encontrados em cada uma das categorias sensoriais citadas:



Observa-se que a categoria sensorial mais representada pelas construções é a de movimento. Essa preferência é seguida pela categoria visual, a segunda mais freqüente. E por fim as categorias auditiva e emotiva como as menos representadas pelos ideofones.

3. 2. Formação

Verificou-se também qual o recurso mais presente na estrutura das construções ideofônicas. Entre as possíveis estão a reduplicação, o jogo fonético ou o alongamento. A tabela abaixo expressa os meios mais produtivos.



A forma mais presente na estrutura dos ideofones é o Jogo fonético. Esta preferência vem seguida pela reduplicação, o segundo recurso mais presente. O alongamento foi o recurso menos presente.

Nos casos em que ocorreu o alongamento, nem sempre o segmento alongado foi o último, como é comum em outros casos. No caso dos dados em questão, o segmento alongado pode ser o inicial, ou mesmo, o interno, como mostram os exemplo abaixo.

EX. : ‘eeeeeeia’

‘cheaaaaea’

No caso da repetição, ocorrem situações em que há a repetição de toda a expressão (reduplicação) ou de caso em que apenas uma sílaba é repetida. Veja os exemplos que seguem.

EX.: ‘baradada, barabara’

‘cocococotrurum’

‘gitogito’

3.3. Mais de uma “comunidade de fala”

Buscou-se observar também se as construções aparecem em mais de uma variedade lingüística do Português, quais as variedades, e quais construções aparecem em mais de uma variedade lingüística.

Para isso, contou-se com o Teste de Percepção. Os sujeitos que participaram dele são de diferentes faixas etárias, há jovens, adultos e idosos participando, de diferentes origens e de diferentes formações profissionais. No total 31 sujeitos participaram do teste.

A distribuição ficou da seguinte forma:

Tabela 14 - Distribuição do número de sujeitos que participaram do teste.

Procedência do Interior	Procedência da capital	Baixa escolaridade	Formados em diferentes áreas
<i>13 sujeitos</i>	<i>18 sujeitos</i>	<i>16 sujeitos</i>	<i>15 sujeitos</i>

Seria muito positivo se fosse possível submeter todos os dados em questão à análise dos sujeitos através do teste de percepção, porém, como se trata de um número muito grande de dados e de pouco tempo para tal procedimento, optou-se por escolher entre o conjunto dos dados um número que representa-se mesmo que parcialmente a visão das construções ideofônicas pelos falantes do Português paraense, e que se tratassem de dados estratégicos para a análise. Portanto, selecionaram-se nove dados, os mesmos identificados por Cruz (2000) como ideofones do Português brasileiro em um primeiro momento, e os mesmos que participaram de uma aplicação experimental do Teste de Percepção (Fernandes 2004) com um número menor de sujeitos. A seguir é possível ver as construções que foram submetidas.

Tabela 15 – Dados selecionados para o teste de percepção.

CódExp	Nome	Expressão	Conteúdo
02	<i>Exp002.mp3</i>	<i>Fifiti</i>	<i>Fifiti/Tem grande micidade de mapará fifiti no mercado</i>
03	<i>Exp003.mp3</i>	<i>Humhum</i>	<i>Humhum/É uma desculpa pra preguiça dele né tia/ é humhum.</i>
04	<i>Exp004.mp3</i>	<i>Gito</i>	<i>Gito/Eu vi um passarinho gito, gito.</i>
06	<i>Exp006.mp3</i>	<i>Teba</i>	<i>Teba/Puxou no anzol um teba de Tucunaré.</i>
07	<i>Exp007.mp3</i>	<i>Teité</i>	<i>Teité/Vê se eles gostam que a gente tira o deles. Ele ainda ri teité.</i>
08	<i>Exp008.mp3</i>	<i>Teitei</i>	<i>Teitei/Ele está teitei de açaí</i>
10	<i>Exp010.mp3</i>	<i>Teteé</i>	<i>Teteé/Eu pensava que ia morrer, falava coisa teteé.</i>
11	<i>Exp011.mp3</i>	<i>Hemhem</i>	<i>Hemhem/Posso contar com a tua ajuda/Hemhem.</i>
12	<i>Exp012.mp3</i>	<i>Malamá</i>	<i>Malamá/Eu vou pedir pra tua tia fazer um chá malamá doce.</i>

Agora, falaremos sobre os resultados, frutos, da aplicação do Teste de percepção, levando em consideração os objetivos propostos por este trabalho.

Tabela 16 – Alguns resultados do Teste de Percepção

Dado	Análise
Fifiti'	Dos 31 sujeitos que participaram do teste 26 afirmaram não conhecerem a expressão 'fifiti' e apenas 5 afirmaram conhecer essa expressão. Dos 5 sujeitos que conheciam 3 são de origem do interior do estado e 2 são da capital. Os falantes afirmaram que usam essa expressão, mas só na situação de fala informal.
'Humhum'	Dos 31 sujeitos que participaram do teste 5 afirmaram não conhecerem a expressão 'humhum' e 26 afirmaram conhecer essa expressão. Dos 26 sujeitos que conheciam 11 são de origem do interior do estado e 15 são da capital. 24 falantes afirmaram que usam essa expressão, mas só na situação de fala informal.
'Gito'	Dos 31 sujeitos que participaram do teste 2 afirmaram não conhecerem a expressão 'gito' e 29 afirmaram conhecer essa expressão. Dos 29 sujeitos que conheciam 12 são de origem do interior do estado e 17 são da capital. 19 falantes afirmaram que usam essa expressão, mas só na situação de fala informal.
'Teba'	Dos 31 sujeitos que participaram do teste 6 afirmaram não conhecerem a expressão 'teba' e 25 afirmaram conhecer essa expressão. Dos 25 sujeitos que conheciam 11 são de origem do interior do estado e 14 são da capital. 14 falantes afirmaram que usam essa expressão, mas só na situação de fala informal.
'Teité'	Dos 31 sujeitos que participaram do teste 27 afirmaram não conhecerem a expressão 'teité' e 4 afirmaram conhecer essa expressão. Dos 4 sujeitos que conheciam 3 são de origem do interior do estado e 1 da capital. Os 4 falantes

	afirmaram que usam essa expressão, mas só na situação de fala informal.
‘Teitei’	Dos 31 sujeitos que participaram do teste 23 afirmaram não conhecerem a expressão ‘teitei’ e 8 afirmaram conhecer essa expressão. Dos 8 sujeitos que conheciam 7 são de origem do interior do estado e 1 da capital. 4 falantes afirmaram que usam essa expressão, mas só na situação de fala informal.
‘Teteé’	Dos 31 sujeitos que participaram do teste 23 afirmaram não conhecerem a expressão ‘teteé’ e 8 afirmaram conhecer essa expressão. Dos 8 sujeitos que conheciam 6 são de origem do interior do estado e 2 são da capital. 5 falantes afirmaram que usam essa expressão, mas só na situação de fala informal.
‘Hemhem’	Dos 31 sujeitos que participaram do teste 6 afirmaram não conhecerem a expressão ‘teba’ e 25 afirmaram conhecer essa expressão. Dos 25 sujeitos que conheciam 9 são de origem do interior do estado e 16 são da capital. Os 16 falantes afirmaram que usam essa expressão, mas só na situação de fala informal.
‘Malamá’	Dos 31 sujeitos que participaram do teste 23 afirmaram não conhecerem a expressão ‘teba’ e 8 afirmaram conhecer essa expressão. Dos 8 sujeitos que conheciam 5 são de origem do interior do estado e 3 são da capital. Os 5 falantes afirmaram que usam essa expressão, mas só na situação de fala informal.

O que se detectou foi que existe a presença de uma mesma construção em mais de uma comunidade de fala.

As comunidades de fala que encontramos foram: o Português Afro-brasileiro, falado como comunidades remanescentes de quilombos na região do Baixo Tocantins, Pará (ABP,

CRUZ 2000), Português da amazônia, onde se inclui as comunidades de fala de Limoeiro do Ajuru, de Samtarém, de Abaetetuda e Belém (AM), .

As construções encontradas em mais de uma variedade foram os ideofones: ‘malamá’, ‘hemhem’, ‘teba’, ‘baco’ e ‘gito’ que foram localizados tanto no Português da Amazônia, como no Português Afro-brasileiro, ou seja, nesse caso aponta-se para a conclusão de não se tratam de construção que marcam a identidade lingüística de comunidades afro-descendentes, e sim marcam a identidade de um falar típico da região do Baixo Tocantins – PA.

O ideofone ‘humhum’ foi encontrado no Português da Amazônia, no Português Afro-brasileiro e na Língua Indígena Guató. O que mais chamou atenção foi o fato de que em todas as variedades o ideofone apresentou o mesmo significado. Dessa forma se confirma a hipótese de Cruz (2000) e Cruz e Fernandes (2004) de que pode se tratar de uma herança lingüística do substrato indígena na região.

A construção ‘fifiti’ é exclusiva da variedade falada na região de Cametá, ou seja, pertence a uma única comunidade de fala.

O ideofone ‘pa’ foi encontrado em todas as variedades lingüísticas que surgiram na coleta dos dados. O que nos indica ser possivelmente uma construção ideofônica de uso mais universal no Português brasileiro. Mas um outro fato chamou a atenção, em todas as comunidades de fala citadas acima ocorreu uma variação de sentido tanto entre uma comunidade e outra, como dentro de uma mesma comunidade.

3.4. Funções

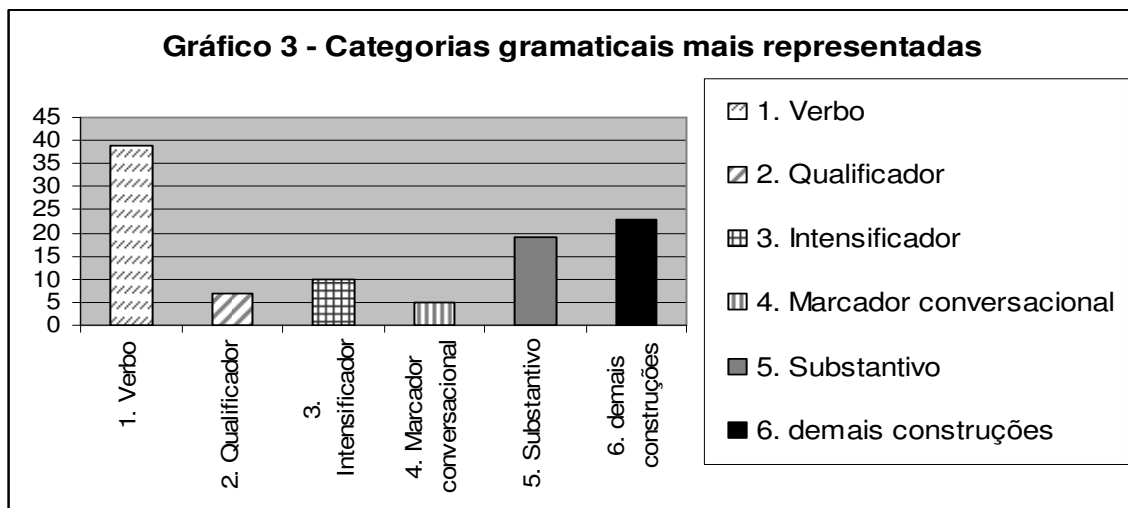
Neste item buscou-se verificar quais categorias de palavras as construções ideofônicas preferencialmente representam. Entre as categorias que mais apareceram foram as de: qualificador, intensificador, verbo, substantivo e marcador conversacional. Através dessa

análise pretende-se identificar a localização dos ideofones do português regional paraense dentro de um *continuum* que pontua a relação entre o seu sentido e o seu referente. Abaixo se apresentam alguns exemplos dessas categorias assumidas pelos ideofones.

Tabela 17 – Exemplos de categorias gramaticais representadas.

Categorias gramaticais	Exemplos
1. Verbo	<i>Bam, dridridri</i>
2. Qualificador	<i>Querê querê, quiririm</i>
3. Intensificador	<i>Fifiti, teba, alocer</i>
4. Marcador conversacional	<i>Pá, bebebe, bababa</i>
5. Substantivo	<i>Sirimbabu</i>

A seguir tem-se o número que indica a preferência dessas construções.



Assim como em Cruz & Fernandes (2004), o verbo aqui nesta nova análise com novos dados é a categoria mais representada pelos ideofones do Português brasileiro. Podemos associar esse resultado ao fato de ser a categoria sensorial de locomoção a categoria preferencialmente representada pelos ideofones.

3.5. Algumas conclusões

Após a observação e análise dos dados identificou-se que das 141 construções que fazem parte do corpus deste estudo, apenas 111 foram consideradas como ideofones, pois apresentam as seguintes características: a) tem o jogo fonético como a configuração mais característica da estrutura morfológica; b) apresentam-se, no falar paraense, funcionando, em alguns casos, como categorias gramaticais no contexto oracional; c) localizam-se, no *contínuun*, entre as formas motivadas, onomatopéias, e as formas menos motivada da língua, d) foram encontradas exclusivamente na forma oral de comunicação, mais especificamente, na situação de fala informal, e) são construções não dicionarizadas, f) podem representar os mais diferentes campos semânticos e e) não possuem restrições, como localização na frase, início, meio, ou fim, e nem de tipos de sentenças, interrogativas ou não.

Conclui-se também que:

a) As construções têm preferência pela representação da categoria sensorial locomotiva (cf. gráfico 1).

b) As construções consideradas por Cruz (2000) (cf. tabela 1) como marca da identidade lingüística da variedade falada pelas comunidades negras da Amazônia, se tratam de uma marca da região Amazônica e não exclusivamente de uma comunidade de fala.

c) Assim como, também não se limitam em representar uma função ou outra.

d) O significado de uma dada construção pode variar, dependendo do contexto ou da intenção do falante. A variação de sentido que ocorre dentro do fenômeno ideofônico no falar paraense pode se dá de uma comunidade para outra ou dentro de uma mesma comunidade de fala.

Reconhecemos que o estudo aqui empreendido é uma contribuição a estudos maiores, que ainda devem ser conduzidos sobre o fenômeno do Simbolismo Sonoro e dos Ideofones no Português Brasileiro, em todo o seu território nacional, e sim construir uma base epistemológica sólida para o entendimento desse fenômeno.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO**, Leopondina Souza de. Aspectos da língua Gavião-Jê: vocabulário. Rio de Janeiro, 1989. (Dissertação de Mestrado)
- BARBOSA**, Jeferson Fernando. Contribuição ao conhecimento da língua Amanajé. UFPa, Belém, 2002.
- BARTENS**, A. Ideofones and sound simbolismo in Atlantic creoles, Abstract for the SPCL, conference at the University of Westminster, Londo, June 1997, pp. 26-28.
- _____. Ideophones and sound symbolism in Atlantic creoles, Helsinki, The Finnish Academyc of Sciences, 2000, 168p.
- BORGES**, Luiz Carlos. A língua geral amazônica: aspectos de sua fonêmica. Dissertação de Mestrado, IEL, Unicamp, 1991, 98pp.
- BORTONI-RICARDO**, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo, Parábola Editorial, 2004. (Linguagem; 4)
- BRAGA**, Alzerinda de Oliveira. A fonologia segmental e aspectos morfológicos da língua Makurap (TUPI). Campinas, 1992.
- BOLINGER**, Dwight. Forms of Englihs. Cambridge, Ma: Harvard University Press, 1965.
- CABRAL**, Ana Suely; **RODRIGUES**, Aryon Dell'agna. Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins. UFPa, Belém, 2003.
- CHILDS**, G. African Ideophones, in Learne Johanna Nichols & John Ohala (eds.), Studies in Sound Symbolism, Cambridge, University Press, 1994, pp.178-204.
- CALDAS**, Raimunda Benedita Cristina. Aspectos, modos de ação e modalidade na língua Ka'apor. UFPA, Belém, 2001.
- CAMPOS**, Benedita; **OLIVEIRA**, Jaci. Do Pucuru à Panelinha: dados do vocabulário mocajubense, Cametá, UFPa, 1998.

CASSIQUE, Orlando. *Os Tambouros do Itapocú*: relatório científico do projeto Marcas Lingüísticas da fala das comunidades negras de Cametá. Belém, Pará, 1995.

CRUZ, Regina; **FERNANDES**, Helane. « Ideofones, Marca da identidade lingüística do português falado pelas comunidades quilombolas de Cametá (PA) ». In **SIMÔES**, Socorro (ORG.). VII Encontro IFNOPAP : navegando entre rios e Florestas, Belém, UFPA, 2004a.

_____. Symbolismo sonoro do PB : o estudo dos ideofones, In VII Congresso de Fonética e Fonologia e I Congresso Internacional de Fonética e Fonologia, Minas Gerais, UFMG, 2004b.

CRUZ, Regina. Analyse phonologique et acoustique du portugais parlé par des communautés noires de l'Amazonie (Brésil), Tese de Doutorado, Université de Provence, 2000b.

_____. Sound Symbolism in Brazilian Portuguese: a study of ideophones, in The proceedings of the conference gesture: meaning and use, Porto, (Portugal) Universidade de Fernando Pessoa, 2000a, pp. 4.

_____. Aspectos Fonético-Fonológicos do Português Afro-brasileiro. Paper presented at the XI Encontro Nacional da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Lingüística). João Pessoa (PB-Brazil): UFPB. On the 02 to 06 June 1996.

_____. Aspectos Enunciativos da Afirmação na Fala dos Negros de Cametá, in Proceedings of I International Congress of Associação Brasileira de Lingüística, Salvador (BA), on the 11 to 16 September, 1994.

COURTENAY, K. On the nature of the Bambara tone system. Studies in African Linguistics, Supplement, 1974.

DIFFLOTH, G. Notes on Express Language, Proceeding of the Chicago Linguistic Society, 1972.

- DINIZ**, Nazareno; **SILVA**, Maria Ermina. Teité do teteé! Dados do vocabulário limoeirense. UFPa, Cametá, 1998. (Dissertação de Mestrado)
- DIMOCK**, E. C. Symbolic forms in Bengali, Bulletin of the Deccan College Research Institute, 1957, v. 18, pp. 22-28.
- DOKE**, C. M. Bantu Linguistics Terminology, London, Longmans, Green, 1935.
- EIRÓ**, Jassiléia Guimarães. Contribuição à análise fonológica da língua Tembé. UFPa, Belém, 2001.
- FERNANDES**, Helane. Simbolismo sonoro do PB: o estudo dos ideofones. Belém, UFPa, 2004. (tcc).
- FORDYCE**, James. Studies in sound symbolism with special reference to english. PH. D. dissertation, University of Califórnia at Los Angeles, 1988.
- FORTUNE**, G. zideophones in Shona. Lomdom: Oxford University Press, 1962.
- GONÇALVES**, Lúcia. Dicionário do vocabulário ideofônico e regional do português falado no município de Limoeiro do Ajuru/PA. Trabalho de conclusão de curso, UFPa, Cametá, 2003.
- JULIÃO**, Maria Risoleta. A língua dos índios do rio Cairari. UFPa, Belém, 1993.
- KIM**, Toung-Seok. Aspects of Korean Morphology. Ph. D. dissertation, University of Texas at Austin, 1984.
- LIEBERMAN**, Mark. The International System of English. Phd. Dissertation, 1978.
- LEE**, J-S., Phonology and sound symbolism of Korean ideophones, UMI Dissertacions, 1992, 135p.
- LEÃO**, Jorge; **GOMES**, Luciete. Um estudo semântico de palavras não dicionarizadas no linguajar cametaense: à busca de brasileirismo. UFPA, Cametá, 1998.
- LIM**, L. We talklike that Meh? No, Lah!: intonation petterns on pragmatic particles in spontaneous Singapore English- Preliminary observations. National University of Singapore,

in Sound patterns of Spontaneous Speech: production and perception. La Baume-Les-Aix, septembre, 1998.

MACIEL, Iraguacema. Alguns aspectos fonológicos e morfológicos da língua Máku. Brasília, 1991.

NEWMAN, P. Ideophones from a syntactic point of view, Journal of west African Languages, v. 2, Cambridge University Press, London, 1968, pp. 107-117.

PALÁCIO, Adair Pimentel. Guató - a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai. Campinas, Unicamp, 1984.

RODRIGUES, Carmem Lúcia Reis. Etude morphosyntaxique de la langue Xipaya. Paris, 1995.

SAMARIN, William. "Intersubjective and intradialectal variation in Gbeya Ideophones" In Journal of Linguistic: anthropology, volume 1, issue 1, june, 1991.

SEKI, Lucy. Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-guarani do Alto Xingu. Campinas, SP: Editora UNICAMP; São Paulo, SP: Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, Auristéia Caetana Souza e. Aspectos da referência alternada em Parakanã. UFPA, Belém, 1999.

SIMÕES, Maria do Socorro & **Golder**, Christophe (orgs.). *Santarém conta...* Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará (Série Pará conta; 1), 1995, 152 pp.

_____. *Abaetetuba conta...* Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará (Série Pará conta; 3), 1995, 200 pp.

_____. *Belém conta...* Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará (Série Pará conta; 2), 1995.

STRADELLI, Ermano. « Vocabulário Nheêngatu-português », in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Fundado no Rio de Janeiro em 1838. Tomo 104, vol. 158 (2a. DE 1928). Director Dr. B. F. Ramiz Galvão. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

- TAKEMOTO**, E. Vocalisation des gestes: les ideophones japonais, in S. Sant et al. (eds.), *Oralité et Gestualité: communication multimodale, interaction*, 1998, 539-542.
- WESCOTT**, R. Ideophones in Bini and English, *Forum Linguisticum* (2), 1973.

Anexos

Quadro de IDEOFONES do falar paraense

AUUU		
Transcrição fonética	Fontes	Contexto de realização
[au:]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Não sabia, sabe? Ficou lá. Ele foi embora. Aí, ela ouviu o vento deu: a, u, u, u.
Trata-se de um ideofone/onomatopaico que reproduz o som emitido pelo vento. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em narrativa oral.		

AH-AH-AH		
Transcrição fonética	Fontes	Contexto de realização
[ahahah]	Simões & Golder (1995). Belém conta...	- Com dois anos tu voltas, ah-ah-ah! Com dois anos tu voltas.
Construção que reproduz o riso de uma pessoa. Foi encontrada no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

AAAMMM		
Transcrição fonética	Fontes	Contexto de realização
[a:~]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	- Aí, de repente eu senti aquela... aquela zoadá, aquela coisa, aaaam
Ideofone/onomatopaico que reproduz um som emitido por algo não definido. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

AH... AH...AH...AH...		
Transcrição fonética	Fontes	Contexto de realização
[aaaa]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Não demorou muito aquilo: Ah... Ah... Ah... Ah... Ah... Ai! Calado... Estava calado, a noite.

	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Ah... Ah... Ah... Ah... Ah... Ai! No toco do pau que nós estávamos, o pau tremeu assim.
Construção utilizada com o objetivo de imitar o som feito por algum bicho. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

ALOCER		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[aIO'sEh]	Gonçalves (2001)	- eu gosto de dormir alocer
Construção de função Intensificadora trata-se de um ideofone intensificador que significa ou pode ser traduzido por 'À vontade', 'bastante'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em situação de conversa Informal.		

AM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[a~]	Cruz (2000) Sbpmgno52b	- ...ham?
ideofones de função interrogativa que pode ser traduzida pela expressão interrogativa 'o que?', foi encontrado no Português brasileiro em Narrativa Oral e em situação de comunicação informal..		

AHAM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[aha~]	NURC/PA	- ...junto com a tecnologia...e a escola percebeu que ela parou...né? - Aham
Ideofone de função afirmativa que pode ser traduzido pela palavra <i>Sim</i> , foi encontrado no Português regional da Amazônia em situação de comunicação formal (Entrevista) e em situações de comunicação informal.		

BAH		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>

[ba:]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- A pedra bah!
Exerce a função de verbo na oração pode ser substituído pelo verbo cair no passado. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

BABABÁ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[baba'ba]	Observação direta	- ...eu não sei o quê e bebebê e <i>bababá</i> .
Exerce a função de Marcador conversacional, não possui tradução exata. Foi encontrada no Português brasileiro em situação de comunicação Informal.		

BACU		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
['bakU]	Cruz (2000) Cna24L2t27	(1) - ...taquei-lhe na cara dele, pá e eu <i>bacu</i> .
	Cruz (2000) Cna24L5t41	(2) -...ele só deu um pulo bam e <i>bacu</i> no defunto.
	Simões & Golder (1995). Santarém conta	(3) - <i>Baco!</i> No rifle.
Esse ideofone assume a função de verbo na oração. Ele pode ser substituído pelos verbos bater e agarrar ou assumir outro significado dependendo do contexto de realização, ou seja, para se chegar ao significado levaram-se em consideração outros elementos da comunicação oral, os não-lingüísticos. No contexto (3), por exemplo, se chegou à conclusão de que <i>bacu</i> tem também o sentido de agarrar pelo fato de ter sido realizado acompanhado de um movimento rápido de agarrar alguma coisa. Foi encontrado no Português Afro-brasileiro e no Português regional da Amazônia em narrativas Oraís.		

BAH		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>

[ba:]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Aí ele puxou o pote com toda sustância e deu na cabeça do homem, bah!
Exerce a função de verbo na oração, seu significado é ‘bater’ e foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

BARABADAR		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[barada'dah]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	- E, aí, ele fez aquele barabadar, de novo, e tornaram a acender a luz.
Exerce a função de substantivo na oração, seu significado pode ser traduzido como ‘barulho’. Foi encontrado no português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

BEI		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[beI]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Ei, bei! no chão.
Exerce a função de verbo na oração, pois expressa a ação de cair. Pode ser traduzido como ‘caiu’. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

BAIUCA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[bajuka]	Gonçalves (2001)	- ...a baiuca tá igual a do comércio grande.
Exerce função de substantivo na oração. Designa pequeno comércio. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em situação de comunicação Informal.		

BAM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>

[ba~]	Cruz (2000) Cna24L5t41	-...ele só deu um pulo <i>bam</i> e bacu no defunto.
Esse ideofone está associado ao verbo pular na oração, portanto também é uma construção que pode ser substituída por um verbo, pois também expressa uma ação. Foi encontrado no Português Afro-brasileiro em narrativa Oral.		

BARADADA/BARABARA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[barada'da], [baraba'ra]	Cruz (2000)	Sem exemplo
Esse ideofone designativo confusão, bagunça. Foi encontrado no Português Afro-brasileiro.		

BEBEBÊ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[bebe'be]	Observação direta	- ...eu não sei o quê e <i>bebebê</i> , e bababá.
Exerce a função de Marcador conversacional, não possui tradução exata. Foi encontrada no Português brasileiro em situação de comunicação Informal.		

BLABLABLÁ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[blabla'bla]	Observação direta	-...Belém é bonita e blablablá...
Tem função de Marcador conversacional. É encontrado no Português brasileiro em situação de Conversa Informal.		

BLANG-BLANG-BLANG		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[bla~gbla~gbla~g]	Bartens (2000)	- eu não consegui segurar o cavalo e o cavalo blang-blanc-blanc
Tem função de verbo, ele pode ser traduzido pelos verbos andar ou correr. Foi encontrado no Português brasileiro.		

BOBOCA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[bO'bOk6]	Leão (1998)	- Agora eu fui uma boboca que não quis aprender nada dessas coisas
Tem função de qualificador. Seu significado é 'Pateta', 'burra'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia na situação de comunicação Entrevista.		

BOLOLO		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[bolo'lo]	Bartens (2000)	- vai dá um bololo
Designa uma situação de Confusão ou bagunça. Foi encontrado no Português brasileiro.		

BOROCA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[bo'rok6]	Leão (1998)	- ...minha tia entre. Lá ela entrou, baixou a boroca.
Designa recipiente ou Vasilha. Foi encontrado no Português regional da Amazônia na situação de Entrevista.		

BOROCOXÔ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[boroko'So]	Programa televisivo	Sem exemplo
Tem função de qualificar estado ou situação de tristeza. Foi encontrado no Português brasileiro em situação informal de comunicação.		

BUM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[bu~]	Bartens (2000)	Sem exemplo
Designa 'Explosão'. Encontrado no Português brasileiro.		

BUMBA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[ˈbu~ba]	Bartens (2000)	- bumba meu boi
Designa dança tradicional do norte e nordeste do Brasil. Encontrado no Português brasileiro em situação de conversa informal.		

BLÉM, BLÉM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[ble~i~]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Ele saiu blém, blém, espiando um toco.
Tem função de verbo, indicar barulho do pote balançando, pendurado na mão do “compadre”, personagem da narrativa. Foi encontrado no Português regional paraense em Narrativa Oral.		

CABOOO		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[kaˈbo:]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	- Só um barulho pra lá: cabooo, cabooo, cabooo.
Designa o ruído dos braços sobre a água no ato de nadar. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

COCOCOCOTRUM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[kokokokokoˈtru~]	Simões & Golder (1995). <i>Santarém conta</i>	- Aí ela passou perto de mim e fez cocococotrum. Então eu disse assim:
Designa barulho emitido por algo. Não é possível resgatar o significado ou que ato o barulho faz referência. Foi encontrado no português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

CHÓO...		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[SOo]	Simões & Golder (1995). Belém conta...	- Aí, aquele bicho veio para ela assim, já no escuro, que ela não via nada, só via aquilo: [chóo...! chóo...!] Maria! Maria! Oh! Maria.
Designa barulho emitido por algo. Não é possível resgatar o significado ou que ato o barulho faz referência. Foi encontrado no português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

CHEAAEA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[Sea:ea]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	Quando o pessoal viu, só o rebojo lá fora, sabe: aquele negócio cheeaaea..., sabe?
Designa barulho emitido por algo. Não é possível resgatar o significado ou que ato o barulho faz referência. Foi encontrado no português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

CHOCHO		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[SoSu]	Bartens (2000)	Sem exemplo
Tem função de qualificador, significa ‘antigo’, ‘velho’, ‘mole’. Foi encontrado no Português brasileiro em situação informal de comunicação.		

CHUAAR...		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[Sua:h]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	- Boto pra lá, boto... chuaar... Boto pra lá, boto pra cá... e eu muito chateado com aqueles botos
Tem função de verba, pois expressa o a ação do nado do boto. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

CHIL		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[SiU]	Simões & Golder (1995). Belém conta...	(1) - Chil!.. Sumiu. Que ela ficou presa lá na loja.
	Simões & Golder (1995). Belém conta...	(2) - Aí, ela se agarrou no pescoço dela. Aí... chil!...
<p>(1) Tem função verbal. Expressa o ato de sumir. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.</p> <p>(2) Tem função verbal. Significa ‘vão rápido’. . Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.</p>		

CHUIU, CHUIU		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[SuiU]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	- Passei pra canoa dele e ele chuiu, chuiu, remando, remando.
Tem função verbal. Indica o barulho do movimento do remo n'água. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

CIRIMBABU		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[siri~'babU]	Gonçalves (2001)	- umbora comer um cirimbabu desse
Designa animal que serve como alimento. Encontrado no Português regional da Amazônia em situação de conversa informal.		

CURUATÁ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[kurwa'ta]	Gonçalves (2001)	Sem exemplo
Designa revestimento protetor do cacho de inajá. Encontrado no Português regional da		

Amazônia em conversa informal.

DRIDRIDRI		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[dridri'dri]	Cna24L5t41	-...ele com o defunto na...no ombro e dridridri e ele atrás.
Esse ideofone exerce função verbal na oração, pois pode ser substituído pelo verbo correr ou andar ser alterar o sentido do texto. Foi encontrado no Português Afro-brasileiro em Narrativa Oral.		

EEEEIA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[e:la]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	- Tornou de novo: eeeia... Aí, ele respondia, também;
A construção não tem tradução exata, situação típica nos ideofones, pois freqüentemente ocorrem casos em que não é possível fazer o resgate de seu significado. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

FI,FI,FI,FI		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[fififi]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Botou a camisa no ombro e passou; “fi, fi, fi, fi”. Já vinha satisfeito.
	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Quando era de manhã, ele botava a camisa no ombro e chapéu de banda e passava: “fi, fi, fi, fi, fi, fi, fi” na frente do palácio onde estava a Maria com a madastra. A mãe dela a madastra do João.
Exerce função verbal nos dois contextos apresentando também o mesmo sentido a ação de assobiar. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

FIFITI		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[fi'fitSi]	Cruz (2000b)	Mapará fifiti
Exerce a função de intensificador ou qualificador. Significa muito pequeno. É encontrado no Português Afro-brasileiro em situação de conversa informal.		

FRIFIOCA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[frifi'Ok6]	Gonçalves (2001)	- ...deixa de frifioca
Designa brincadeira, enfeite. Foi encontrado no português regional da Amazônia em situação de conversa informal.		

FU,FU		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[fufu]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	Ele começou fu, começou a soprar pro meu lado, fu, fu.
Aqui a construção onomatopaica exerce o papel de ideofone com função verbal por ser uma expressão que substitui o verbo assoprar na oração. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

FU		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[fu:]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	Aí, ele... Da casa disseram assim: e fu a mulher dele
A construção não tem tradução exata, situação típica nos ideofones, pois frequentemente ocorrem casos em que não é possível fazer o resgate de seu significado. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

FIL...		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[fiu:]	Simões & Golder (1995). Belém conta...	- Ela não via o bicho. Aí, ela montava e fil...! por dentro do buraco de novo.
Exerce a função de verbo na oração. Significa entrar. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

GITO		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
['Zitu]	Leão (1998)	- minha teve nove filhos, um morreu gito logo que nasceu.
	Cruz (2000b)	- Eu vi um passarinho jito, jito
Exerce função de intensificador e/ou qualificador. Significa pequeno ou muito pequeno. Foi encontrado no Português Afro-brasileiro e no Português regional da Amazônia nas situações de comunicação entrevista conversa informal.		

HEM,HEM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[hh]	Campos (1998- p.119)	- hem, hem
	Cruz (2000b)	- em compromisso? - hem, hem
	Leão (1998)	- Eu trouxe pra cá com nós. Hem, Hem!...
Exerce a função de Partícula afirmativa, significa 'Sim'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia e no Português Afro-brasileiro nas situações de comunicação entrevista e conversa informal.		

HUM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[u~]	Campo (1998- p.130)	(1)- Dá pouco? Hum?
	Leão (1998)	(2) - tu já vieste? - Hum? - ele não

		respondeu?
	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	(3) - Os filhos deverão satisfazer o amor para com sua mãe e com seu pai, hum?
	Simões & Golder (1995). Belém conta...	(4) - Aí , ela disse:[- Hum...] É segredo.
	Simões & Golder (1995). Belém conta...	(5) - Ela dizia assim:- Hum! Está... Hum...
	Campos (1998- p. 126)	(6) -É mais gostoso ainda né? - Hum/ Aqui perto? Hum, aí no Polo
<p>Nos exemplos 1, 2, 3 exerce a função de Partícula interrogativa. Nos exemplos 4 e 5 exerce a função de Marcador conversacional. No exemplo 6 ele exerce a função de Partícula afirmativa. Foi encontrado no português regional da Amazônia nas situações de comunicação entrevista, conversa informal e narrativa oral.</p>		

HUM, HUM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[NN]	Campos (1998, p. 93-136)	- o inverno é brando na chuva né tia? - hum, hum,hum
	Leão (1998)	- é uma desculpa pra preguiça dele né tia? É hum, hum
	Cruz (2000b)	- começa a se espalhar né? - hum,hum
	Palácio (1984- p. 88)	- hum, hum
	Simões & Golder (1995). Belém conta...	[...] Tu já viu lírio?(- hum! Hum!)
<p>Em todos os exemplos esse ideofone apresenta mesma função, a de partícula afirmativa. Foi encontrado no Português regional da Amazônia, na Língua indígena Guató e no Português afro-brasileiro nas situações de comunicação conversa informal e Narrativa Oral.</p>		

ISCABRIADO		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[iSkabrIadU]	Gonçalves (2001)	- O João já está iscabriado dessa mulher
Exerce a função de qualificador. Significa calejado, cansado. Foi encontrado no Português regional da Amazônia na situação de conversa informal.		

MULAMÁ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[mula'ma]	Leão (1998)	- esses outros estão pro centro, mulamá eles traziam a farinha.
Exerce função de Intensificador, significa 'mais ou menos', 'quase'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia na situação de comunicação entrevista.		

MALAMÁ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[mala'ma]	Campos (1998- p.158)	- agora malamá a vespera.- Eu vou pedir para tua tia fazer um chá malamá doce
Exerce função de Intensificador, significa 'mais ou menos', 'quase'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia e no Português Afro-brasileiro na situação de comunicação entrevista.		

MUQUÉM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[mu'ke~j~]	Gonçalves (2001)	- ...tira já o peixe do muquém.
Designa objeto em cima do fogo para assar algo. Encontrado no Português regional da Amazônia em conversa informal.		

NHAC		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[Jak]	Bartens (2000) Observação direta.	- Ele foi e nhac!!!
Exerce função verbal na oração. Seu significado é morder. Foi encontrado no Português brasileiro em situação informal de comunicação.		

Ô,Ô,Ô,Ô		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[o:]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	(1) - O negão, quando via a cruz virava pra trás e: Ô, Ô, Ô, Ô, Ô... e corria, de novo.
	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	(2) - Oh, ôôôôôô, diabo!
	Simões & Golder (1995). Santarém conta	(3) - De repente: ô, ô, ô, ô, ô... Peguei a porronca, apaguei.
No exemplo 1 tem função verbal, pois está associado a noção de movimento expressa também pelo verbo correr. Nos exemplos 2 e 3, a expressão exerce a função de marcador conversacional. Foi encontrado o Português regional da Amazônia em Narrativa oral.		

ÔPA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[opa]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Ôpa! Papai está aqui. É pra desenterrar fortuna?
Exerce a função de Marcador conversacional. Expressa 'surpresa' ou 'susto'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

Ó		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[O]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Chegaram lá, empacotaram tudo num paneiro, empalharam e embarcaram a bagagem, e ó!
A construção ideofônica exerce o papel de verbo na oração. Seu significado é ‘sair rapidamente’, chega-se a esse significado, pois ela é acrescida de gesto indicativo de saída rápida. É encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

PÁAA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[pa:]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	- Agora, quando passou perto de um... bateu o chumbo: páaa...!
Exerce a função de verbo na oração, pois pode ser substituído pelo verbo atirar. Foi encontrado no Português regional paraense em Narrativa Oral.		

PÁ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
	Cna24L2t27	(1) - ...ele correu, eu me joguei em cima do pau, em cima dele pá.
	Cna24L2t27	(2) - ...taquei-lhe na cara dele, pá e eu bacu.
	Cna24L3t15	(3) - ...pá conversa vai, conversa vem.
	Cna24L4t28	(4) -...arrastou na cabeça da velha pá , tchão.
	Leão (1998)	(5) -...assim aí fizeram aquela briga, aí pá.
	Observação direta	(6) -...comigo é assim pá na hora.
	Bartens (2000)	Sem exemplo
	Simões &	(7) - Ele pegou, cortou;pá. Passou. Quando

	Golder (1995). Abaetetuba conta...	veio a segunda, ele; pá, cortou. Passou. Que veio a terceira, rente o céu, ele risco;pá e ela pulou.
	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	(8) - E olha pá pra casa dele. E deixou eles.
	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	(9) - Ele, pá, atirou, o Veado morreu.
	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	(10) - Aí, pá, pá , mais perto
	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	(11) - Passou a espada, pah! Ele caiu.
	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	(12) - Chegava a noite eu pah! dormia até de manhã.

Exemplo 1, 2, 4, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 a construção exerce a função de verbo, pois neses exemplos ele está associado aos verbos bater, pegar, cair, cortar, retornar, andar, dormir, atirar. Nos demais exemplos ele exerce a função de marcador conversacional. No exemplo 12 podemos dizer também que ele exerce uma função de intersificador pois está associado ao ato de dormir muito. Ele foi encontrado no Português Afro-brasileiro, no Português regional da Amazônia, e Português brasileiro nas situações de comunicação Entrevista, Conversa Informal e Narrativa Oral.

PARARÁ

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
-----------------------------	---------------	-------------------------------

[para'ra]	Observação direta	-...junto com a Brasmaque, Marlene e parará, parará, parará.
Tem função de Marcador conversacional. Não tem tradução exata. Foi encontrado Português brasileiro.		

PAROCA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[pa'rOk6]	Leão (1998)	- eu já fui lá na casa...na paroca dele, um dia
Designa casa, foi encontrado na variedade Português regional da Amazônia em entrevista.		

PEI RAP		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[peI]	Simões & Golder (1995). <i>Belém conta...</i>	- Aí pei Rap... Quando ele pensou que não, era tatu, era veado, era paca, era tudo. [...]
Tem função de verbo na oração. Está ligado a noção verbal de aparecer, surgir rapidamente. Foi encontrado no Português regional paraense em Narrativa Oral.		

Pi		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[pi]	Leão (1998)	- ...arrodiavam por aqui e pi, pi, pi, pi iam se acabando aqui pra baixo...
Exerce a função de verbo na oração. Significa 'Cair'. Foi encontrado no Português regional paraense em Narrativa Oral e entrevista.		

PLAM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[pla~]	Bartens (2000)	- eu dei um murro nele e ele plam
Exerce a função de verbo na oração. Significa 'Cair'. Foi encontrado no Português brasileiro.		

PLOFT		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[ˈplofitS]	Observação direta	-...o comandante deu um ploft nele...
Designa o ato de bater. Significa ‘porrada’. Foi encontrado no Português brasileiro em Narrativa Oral.		

POPOPÔ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[popo'po]	Observação direta	Sem exemplo
Designa barco, meio de transporte que emite barulho. Encontrado no Português regional da Amazônia em conversa informal.		

POXOCA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[pO'SOk6]	Gonçalves (2001)	- ...leva esta poxoca daqui.
Designativo pra dizer sujeira, imundície. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em conversa informal.		

PU		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[pu]	Sbpsno64b	-...você assaltou meu irmão, você...sei que pu batia.
Tem função verbal, pois está ligado a ação de bater. Foi encontrado no Português brasileiro em Narrativa Oral.		

PUCURU		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[puku'ru]	Leão (1998)	Sem exemplo
	Campos (1998- p.167)	- u pucuru pra fazer o chá

Designa recipiente, vasilha. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Entrevista.

PUF		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[ˈpuɸi]	Observação direta	-...dá-lhe uns puf nele.
Exerce a função de verbo da oração. Significa bater. Foi encontrado no Português brasileiro em conversa informal.		

PUMBA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[ˈpumbɐ]	Bartes (2000)	Sem exemplo
Tem função verbal, significa ‘Cair’. Encontrado no Português brasileiro.		

PUM-PUM-PUM/ PA-PA-PA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[pu~pu~ˈpu~], [papaˈpa]	Bartes (2000)	- eu pum, pum, pum/ pa, pa, pa nele
Exerce a função de verbo na oração. Significa ‘bater várias vezes’. Encontrado no Português brasileiro.		

QUERÊ-QUERÊ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[kerekeˈre]	Campos (1998- p.76)	- Querequexé de bambu, queré-queré, queré-queré, queré-queré, queré-queré, queré...mas era bonito.
Tem função de qualificador, significa ‘velho’. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em entrevista.		

QUIPROCÓ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[kiɸrɔˈkɔ]	Observação direta	- teve maior quiprocó na casa dela ontem
Designativo para dizer ‘confusão’, ‘bagunça’. Foi encontrado no Português brasileiro em		

conversa informal.

QUIRIRIM

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[kiriri~]	Gonçalves (2001)	- o dia hoje tá quiririm

Tem função de qualificador, significa 'Silencioso'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em conversa informal.

RITE

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[rite]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	Armou a hastea, quando o boto saiu assim: ele rite... O boto foi embora

Exerce função verbal na oração. Significa deslocar-se rápido vem acompanhado de gesto indicativo de deslocamento rápido. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.

RO,RO,RO, RO, PA,PA

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[rororopa'pa]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	Diz que era lindo o João e a Joana! Que não tinha na roda do sol [ro, ro, ro, ro. Pá, pá] de lindo eles!

Não foi possível fazer interpretação desse dado, mesmo ele vindo acompanhado de gestos . Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.

TCHAAA

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tSa:]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	- Correu. Direito pegou o bico de águia, tchaaa! levou com linha e tudo o irmão dele... tchaaa!

Tem função verbal oração, significa mergulhar na água, pois vem acompanhado gesto do corpo

em atrito com a água. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.

TÁ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[ta]	Leão (1998)	(1) - e pega o revólver e tá, tá, tá, tá, tá.
	Leão (1998)	(2) - ...ele foi pra baixo numa festa e aí veio, tá, tá, tá, assobiando e ali se escondeu.
	Campos (1998- p.106)	(3) - daqui vai pro coração tá, tá, tá e pronto.
<p>No exemplo 1 a expressão exerce a função de verbo. Significa ‘Atirar’. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em entrevista.</p> <p>No exemplo 2 e 3, a expressão também exerce a função verbal. Significa ‘andar’. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em entrevista.</p>		

TAÍ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tai]	Leão (1998)	- Mas ela ficou toda tai-tai, o corpo dela todo tai
<p>Tem função de qualificador, significa ‘Manchado’. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em entrevista.</p>		

TAI-TAI		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[taitai]	Leão (1998)	- ...um branco a modo misturado com sangue a modo taí-taí.
<p>Tem função de qualificador, significa ‘Manchado’. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em entrevista.</p>		

TCHAC

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tSak]	Bartes (2000)	Sem exemplo
Exerce a função de verbo. Pode ser traduzido como ‘Cortando’. É encontrado no português brasileiro.		

TCHÃO		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tSa~w~]	Cna24L4t28	-...arrastou na cabeça da velha pá , tchão.
Tem a função de verbo na oração. Significa ‘Bater’, ‘cair’. Foi encontrado no Português Afro-brasileiro em Narrativa Oral.		

TCHECK		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tSek]	Observação direta	-...leite do gado no arroz, farinha e tcheck, tcheck.
Exerce a função de verbo na oração. Significa ‘Comer’. Foi encontrado no português brasileiro em Narrativa Oral.		

TCHUM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tSu~]	Cna24L2t81	- ...pulou n’água ele, o doido tchum atrás.
	Observação direta	-...bem ali eu corto e tchum.
Nos dois exemplos a construção aparece com função verbal. Significa ‘Pular’ e ‘seguir’ respectivamente. Foi encontrado no Português Afro-brasileiro e Português regional da Amazônia em Narrativa Oral e em Conversa Informal.		

TEBA		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[‘tEb6]	Cruz (2000b)	- Ele virou agora um teba de homem
Exerce a função de qualificador ou Intensificador. Significa ‘Grande’. Foi encontrado no Português Afro-brasileiro e Português regional da Amazônia em conversa informal.		

TEBEI		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tSi'bej]	Leão (1998)	...quando ela viu foi só quando ele se jogou tebei./ - ...até que ele escapou e ... Tebei
Exerce a função de verbo na oração. Pode significar 'cair' ou 'pular'. Português regional da Amazônia em Entrevista.		

TETEÉ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tEtE'E]	Braga (1992)	Sem exemplo
	Cruz (2000b)	(1) - eu pensava que ia morrer, falava coisa teteé
	Leão (1998)	(2) - ...minhas tias trabalhavam pro Moju ... eu ficava teteé rolando.
No exemplo 2 exerce a função de intensificador, significa 'muito', 'bastante', 'à toa'. Foi encontrado na Língua indígena Makurapi, no Português regional da Amazônia e no português Afro-brasileiro.		
Uma construção equivalente também foi encontrada na Língua indígena Ka'apor, [te?é :te?é], significa 'À toa'.		

TEUTÉ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[teu'tE]	Campos (1998) p. 98	- ...eu tu jugada teuté meu amigo velho.
Exerce a função de intensificador, significa 'muito'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia.		

TEITÉ		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tei'tE]	Cruz (2000b)	- Vê se eles gostem que a gente tire o deles. Ela ainda ri teité
Exerce a função de intensificador, significa 'muito'. Foi encontrado no Português afro-		

brasileiro em conversa informal.

TEITEI

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[tei'tei]	Cruz (2000b)	- Ele está teitei de açaí
Exerce a função de intensificador, significa 'muito'. Foi encontrado no Português afro-brasileiro em conversa informal.		

TROC

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[trOk]	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	Quando ele deu, lá vem, troc, troc, troc...
	Simões & Golder (1995). Abaetetuba conta...	O sapato: troc, troc, troc... Chegou lá, abriu a porta do oratório
Exerce a função de verbo na oração. Significa 'andar'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

VIU...!

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[viU]	Simões & Golder (1995). Belém conta...	- Feche o olho! [Viu...!] por dentro do buraco. Quando ela [Viu...!], [fil...!]:
Exerce a função de verbo na oração. Significa movimento rápido, voando com velocidade, é seguida de gesto: a informante levanta o braço direito e mergulha no ar. Foi encontrado no Português regional da Amazônia.		

VUM

<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[vu~]	Simões &	Aí ela pegou... Aí ela viu aquilo fazer

	Golder (1995). Belém conta...	vum... Assim, em cima da mesa.
Tem função verbal. Significa 'voando'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		

XIMBANTE		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[Si'ba~tSi]	Gonçalves (2001)	- ...minha filha está muito xibante.
Designa pessoa desobediente. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		
XUUUM		
<i>Transcrição fonética</i>	<i>Fontes</i>	<i>Contexto de realização</i>
[Su~]	Simões & Golder (1995). Santarém conta	Peixe, pirarucuzão, xuum..
Tem função verbal na oração. Significa 'nadar'. Foi encontrado no Português regional da Amazônia em Narrativa Oral.		